

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Brenda Isabelly Lucio Ribeiro

**EU SÓ QUERO É SER FELIZ E ANDAR TRANQUILAMENTE NA FAVELA ONDE EU
NACI**

Uma súplica por dignidade: a humanidade roubada e a resistência

SANTOS

2023

BRENDA ISABELLY LUCIO RIBEIRO

CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

**EU SÓ QUERO É SER FELIZ E ANDAR TRANQUILAMENTE NA FAVELA ONDE EU
NASCI**

Uma súplica por dignidade: a humanidade roubada e a resistência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra. Renata Gonçalves.

SANTOS / 2023

Ribeiro, Brenda Isabelly Lucio .

Eu só quero é ser feliz e andar tranquilamente na favela onde eu nasci.

74 p. ; 30cm

Orientadora: Profª. Drª. Renata Gonçalves

R484ee

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) --
Instituto Saúde e Sociedade, Universidade Federal de São Paulo,
Santos, 2023.

1. Questão racial. 2. Manifestação social e política. 3. Direitos
humanos. 4. Humanidade assassinada. 5. Resistência e arte negra. I.
Gonçalves, Renata. II. Título.

CDD 361.3

Brenda Isabelly Lucio Ribeiro

**EU SÓ QUERO É SER FELIZ E ANDAR TRANQUILAMENTE NA FAVELA ONDE EU
NACI**

Uma súplica por dignidade: a humanidade roubada e a resistência

Aprovação em: 19 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Renata Gonçalves (Orientadora)

Universidade Federal de São Paulo



Profa. Dra. Francisca Pini

Universidade Federal de São Paulo

DEDICATÓRIA

Sinto meu coração acelerar.

Antes, eufórica, sentia cada parte do meu corpo estremecer. retiro minhas luvas para digitar e só então percebo que não era apenas frio. sentia calafrios. agora são 04:07 da manhã do dia 9 de julho de 2021. Ainda estamos em quarentena, mesmo que não tão restrita, mesmo que não tão comprida quanto deveria por toda a população.

Mais de meio milhão de mortos. o vírus continua a se alastrar, e agora, pela incompetência do Estado, por um projeto de educação que visa a cegueira e a alienação, pelas desigualdades sociais, pelo racismo, pelo desemprego e pela degradação das condições de trabalho, pela ausência de moradia a todos, pela deterioração da saúde, pela ausência de lazer e cultura, pela extirpação da vida do preto, pobre, favelado, constituímos e complementamos, por via de regra, um processo de desumanização. Oficialmente, nós, pretos e pobres, não possuímos direito algum.

Enquanto sinto as batidas do meu coração diminuírem o ritmo, escrevo com angústia. talvez seja apenas a minha ansiedade, talvez, um grito silenciado. Por que? Nossa destruição está fadada. E quem nos destruirá? A sociedade, o sistema. Sinto o sono se aproximar. acolherei-o. Precisava desabafar. Como dizem? A arte imita a vida? Hum, se assim for, quanta dor (em proporção e quantidade de pessoas) uma dramaturgia, ou uma música, podem transpassar? Trash – A Esperança Vem do Lixo. Que me perdoem a moral e os bons costumes, deixo claro que sou muitíssimo educada. Todavia, não encontro palavras para descrever com o que acabei de me deparar, se não um belo e grande: “QUE FILME DO C@R@LHO”. Logo no início, às cenas do lixão e a canção que soava de forma branda, sutil, penosa, grave, impetuosa. “Eu só quero é ser feliz.”

O tema deste projeto me veio à mente em 2019, após chegar de uma visita a minha narradora da unidade curricular de encontros e produções de narrativas. Não sei como cheguei a este pensamento, só me lembro de chegar em casa cansada (apartamento 31 da Siqueira Campos, famoso e amado canal 4, às melhores recordações de Santos estão por aquelas ruas), ir direto para o banho, e começar a cantar. Enquanto a água escorria pelos meus ombros, eu pensei: “É isso! Este é o meu tema de tcc! È isso”. Com a alegria e empolgação de quem acerta uma cesta nos 47 segundos do round, eu tinha a certeza de que queria.

A princípio, pensei nas inúmeras vezes em que cantei na infância e ainda canto aquela canção com meu pai. Nas vezes que o vi dançar e sorrir ao declamar cada verso. Com emoção, como quem grita, clama, implora. No que ela representa pra nós. Nas reflexões acerca da segurança da minha família, de saber que somos a cor que mais morre no Brasil, vítima da violência policial.

AGRADECIMENTOS

*“Há que ter alguma coragem. Há que ter algum sonho correndo nas veias
e um grão de loucura faiscando na alma.”*

Lya Luft

A todas as dores que senti no processo de construção deste trabalho, elas, que me dilaceraram a alma e se alimentaram do brilho que eu sempre carreguei comigo. Às dores que antecederam esta etapa e que deram espaço a insegurança, um medo tenebroso e a vontade de jogar tudo para o ar. Aos vazios que de modo incessante, tento lidar, respeitando-os sem ocupá-los. Às saudades de quem um dia esteve presente. A mágoa e lembrança daqueles que poderiam ainda estar e me decepcionaram, e por acaso do destino ou escolhas impensadas, precisei retirar do meu presente. Ao que poderia vir a ser se eu tivesse realizado outras escolhas, seguido outros caminhos, encarado outros sonhos. Seria eu neste corpo? Ainda sou eu? Quem sou eu? Olhar para as dores que me acompanham, é também virar-me para trás. E neste breve espaço, há uma distância, uma lacuna entre o que eu era e o que me tornei. E por mais que eu não reconheça a força e alegria daquela que um dia sonhou com este projeto, lá em 2018, eu ainda resisto, mesmo com o corpo fraco e a alma adoecida de tanto sentir. Escrevo porque, para mim a escrita, além de favorecer a minha conversa com Deus, se faz necessária e potente como uma chama, uma possibilidade de me salvar de mim. Porque amo, porque sinto, porque necessito. Compreendo a arte da escrita como acolhimento, registro, processo, compreensão, resgate, cura e libertação.

Ninguém sai ileso de si

Como forma de homenagem a todos os que vieram antes de mim, que marcaram os seus passos e foram também marcados, aos que sofreram de dor semelhante ou pior e enfrentaram, pois não havia sequer a chance de desistir, como às minhas avós. Para nós, é tudo ou nada. Ou vai ou vai. Digo à minha querida mãe: “Têm que dar, a gente vai conseguir conseguiremos”. Dedico também a todos os que perderam amores, filhos, pais, irmãos, sobrinhos, netos, avós. Que tiveram seus sonhos roubados, sua dignidade e vida assassinadas. E enfim, aos que se mantêm de pé, mesmo com a sola sangrando. Esperança. Unimo-nos, pela dor, pela força, pelo amor, pela cor.

“ Você TEM que ser duas vezes melhor”

A mim, por todas às vezes que pensei que não fosse capaz, que não conseguiria, eu fui o melhor o que pude. Eu venci todos os obstáculos, medos, anseios. Eu provei, a mim mesma, que fui e sou muito maior, e mais potente do que se quer pensei.

A Deus, Ele nunca me deixou só.

Aos meus pais, Danúbia e Erlon por me escolherem sempre.

A minha mãe em especial, a quem eu herdei a sensibilidade, e recebo todo o cuidado e carinho.

Ao meu pai, em especial, quem me incentiva todos os dias a sonhar e ensina a entrar no ringue para vencer, com ânimo, determinação e fé, demonstrando que sim, eu sou a favorita (é só uma brincadeira Vinicius).

Ao meu padrinho Emerson que me apoiou e auxiliou sempre que necessitei.

A minha madrinha Daniela pelo impulso e confiança na possibilidade de ocupar a Universidade Pública.

Ao meu tio Everton, ainda que mais distante, me disse uma vez, durante um encontro de família na Serrinha, que eu deveria tentar e me esforçar, independente da circunstância, porque se fosse o meu sonho, valeria a pena e eu conseguiria, segundo suas palavras.

A Endiara, por quem eu tenho carinho e gratidão.

A todos que acreditaram em mim e me ajudaram a continuar.

A Edilaine e Agnaldo, meus amigos do coração e do início desta caminhada, que tanto me apoiaram eu mais me senti só, exato momento em que eu também, mais me senti próxima de Deus.

A Jéssica, minha melhor amiga de quarto e quem me deu amparo nos momentos dolorosos da mudança.

A Ana Flávia e Bruna Santhiago por acreditarem em mim e na potência da minha escrita.

Ao Jack, meu fiel melhor amigo, companheiro e filho de quatro patas, que permaneceu ao meu lado por todos os dias e todas as noites, quando nem mesmo eu estava presente.

Para todos que cruzaram o meu caminho e me marcaram, pelo amor ou pela dor, o meu MUITO OBRIGADA!

A minha avó Neusa, pela lembrança das últimas vezes em que estivemos juntas, e que ela me pediu para honrar aos meus pais, porque a dor de não tê-los, é devastadora. Ela que permanece presente e cuidando de mim, de outros planos.

Não menos importante, ao meu irmão, que me estimula a malhar quando tudo está dando errado. Eu vou conseguir.

Para o meu pai que sempre cantou com toda a sua alma essa canção.

Para a minha mãe, que está sempre ao meu lado

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma investigação científica sobre a música *Rap da Felicidade*, como um retrato da sociedade constituída sob as bases do escravismo, desigualdade, exploração, dominação e negligência, ainda perseverantes no processo de cidadania brasileira. A arte como forma de denúncia, resistência, dor e esperança, respondendo criticamente à naturalização da violência e a desumanização do corpo negro, relatada historicamente desde os primórdios do país. A urgência do conhecimento histórico, social, racial e étnico cultural da formação brasileira para a ética profissional e para a garantia da percepção dos indicadores sociais, mecanismos de opressão, aliada a análise da legitimidade do estado e dos aparatos que auxiliam e produzem a perpetuação da desumanização do negro. Para tanto, buscar-se-á estudar os referenciais teóricos para compreender as produções acerca da temática objetivando a consciência social e crítica acerca do caminho constituído para a manutenção e permanência da população preta em condição de subalternidade. A metodologia será projetada por meio de pesquisa bibliográfica e uma coletânea de referências e produções culturais que expressem a realidade do projeto de pesquisa, bem como sua relevância.

Palavras-chave: Questão racial; Manifestação social e política; Direitos humanos; Humanidade assassinada; Resistência e arte negra.

“Nos arrancam o direito à vida todo dia”

SUMÁRIO

Introdução: Arte: A vida e a morte.....	11
Capítulo 1. Nomes, não números, o retrato da vida.....	14
Capítulo 2. A anulação da vida do negro.....	29
Capítulo 3. Como falar sobre algo que me rasga o peito?.....	42
Capítulo 4. A Pátria amada, idolatrada e a humanidade assassinada.....	50
Capítulo 5. Neusa, Maria, Marielle.....	61
Referências	71

INTRODUÇÃO

Arte: A vida e a morte.

Primeiramente, inicio minha escrita sinalizando a que venho, enquanto mulher, negra e consciente de classe. O presente Trabalho de Conclusão de Curso, não significa apenas uma nota acadêmica e o encerramento do árduo ciclo da graduação na Universidade Pública, ele carrega muito mais do que uma memória afetiva da minha infância: a que cresci tendo a chance de poder escutar e cantar em alto e bom tom O Rap da Felicidade com o meu pai. A canção objeto de análise, transpõe a denúncia dos aparatos que legitimam a barbárie, além disso, oportuniza ecoar o canto da massa como manifestação da vida, e também da morte.

Tenho em meu âmago a arte como uma expressão astuciosa e brilhante da realidade e da cotidianidade, vejo-a como a representação dos sonhos, da dor, e do singelo e devastador sentimento. Portanto, a música aqui compreendida e esmiuçada é símbolo de resistência e grito sufocado que eclode, expondo o sofrimento, a alegria, a súplica e, finalmente, a denúncia. Considero-a uma referência popular, valente e completa, que dá vazão a tudo o que parece inalcançável a essa parcela da população, a pobre e negra.

Portanto, este trabalho tem na composição musical sua ferramenta principal de estudo e análise, dado o registro da realidade de uma sociedade que mantém quase intactos seus sistemas de violências (ênfase no *quase* se deve ao fato de ter havido sempre muita resistência). Busco afunilar as denúncias relatadas e aprofundar as questões que norteiam a realidade apresentada a partir da análise crítica reflexiva da letra, da dialética marxista e da pesquisa documental. Este trabalho visou captar, verificar e perpetuar o registro dos empecilhos que corroboram para o pensamento de uma humanidade (diariamente) roubada. A análise aqui compreendida também assume a tarefa de explicitar a resistência e a sobrevivência à necropolítica nos territórios regidos pelo capital.

Com ritmo, estilo, emoção, malemolência, singularidade, emoção, expectativas, sonhos, idealizações e enfim frustrações também, surge O Rap da

Felicidade como um estouro. O ano era 1995, e a música ressoava como a voz dos invisíveis. A composição de MC Cidinho e MC Doca é de longe uma das canções mais significativas da realidade brasileira. Sua letra, carregada de expressões culturais, sociais e políticas, manifesta a violação à integridade emocional e física da vida dos não brancos e os entraves que anulam a dignidade da população negra nas favelas do Rio de Janeiro.

Objetivando a melhor compreensão, organizei o texto em cinco capítulos. O primeiro, em especial, enaltece a arte, contextualizando-a no antagonismo expresso na vida e na morte, em honra às pessoas assassinadas (**quem morre**). Ao iniciar com o hino da Mangueira, ressalto o apagamento da história contada pelos colonizadores nos livros oficiais, sinalizando que neste exato momento, sou eu quem tenho o poder nas mãos, o que significa que, para além da esperança no futuro e de simplesmente ter conseguido chegar até aqui, essa parte da história será contada exclusivamente por mim. Durante o percurso, utilizarei trechos do *Rap da Felicidade* como fio condutor para as reflexões que sobressaem deste caminho, dito isso e pelo amor a música, dramaturgia e poesia, decidi que junto ao conhecimento científico, elencaria em composição a análise social e política da canção, uma coletânea (em modo justificado, visto que desejo comprovar a pesquisa também por meio de tais documentos) para ressaltar às questões abarcadas e a resistência da população negra através da transposição grafada de canções, poemas, filmes e livros, como uma manifestação coletiva de liberdade, cultura e política.

O segundo capítulo trata sobre a morte, não a física, mas a essência da vida, o que nos torna humanos e dignos. Enquanto me empenho a tentativa de uma certa cronologia de diversos fatores que comprovam a anulação ininterrupta da vida do negro, estruturada em registros, leis e planejamento urbano (que notoriamente tentou expurgar a população negra do convívio da dignidade), associo os dados a inferiorização e desvalorização da essência humana dos corpos negros, trazendo a problematização de quais corpos são cidadãos e quais são destinados a morte incorpórea. Ao longo da escrita, exponho a música como manifestação concreta, instrumento poderoso que viabiliza a consciência social e possibilita a manutenção da vida, por meio de afeto, conexões, visibilidade e do sentir-se vivo.

Na sequência, o terceiro capítulo apresentou o que o tema provoca em mim. Ao questionar sobre uma forma de dialogar no que se refere a dor que rasga o peito, encorajo a reflexão acerca da naturalização da violência, e por conseguinte, da degradação da vida de pretos e pobres do Brasil, a quem é negado o direito à vida, à integridade física e, logo, à dignidade **(como morrem)**. Desse modo, exibo alguns casos sustentados nas estatísticas que aparecem em seguida, no quarto capítulo, para finalizar decretando a morte de forma definitiva, ou seja, fisicamente **(porquê morrem)**.

Por fim, a última parte do trabalho homenageia mulheres negras e pobres, que venceram às estatísticas e são por mim, consideradas exemplos de luta e resistência, rememorando a educação e a arte enquanto métodos de emancipação humana. Enquanto futura assistente social, profissão essencialmente interventiva, vejo no conhecimento e na organização e consciência racial e de classe, a potência para a transformação, através da ação coletiva. Sendo assim, destaco a música como instrumentalidade para leitura da realidade na atuação profissional, trazendo-a como possibilidade de ampliação da capacidade de desvendar para além do que está visto, conforme a competência crítica profissional

Desejo uma boa leitura e reflexão a todos.

*Eles combinaram de nos matar,
mas nós combinamos de não morrer.*

Conceição Evaristo

CAPÍTULO 1

NOMES, NÃO NÚMEROS, O RETRATO DA VIDA:

ERA SÓ MAIS UM SILVA, EVALDO ROSA,
KATHLEEN ROMEU, RODRIGO ALEXANDRE DA
SILVA SERRANO, JOAO PEDRO MATTOS PINTO,
AGHATA FELIX

A música como representação do real, como tudo o que transborda e afeta. Assim, esse texto se descortina reverenciando um hino de resistência que foi o Samba-enredo da Mangueira no carnaval de 2019.

*Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato.*

*Histórias para ninar gente grande,
de Marquinho Art'Samba
Estação Primeira de Mangueira; 2019.*

É fato que transpor os sentimentos para o papel evidencia coragem, demonstra profundidade, sensibilidade, amor e dor, esperança, ira, conflito, insubordinação, saudade, desabafo. A escrita é compreendida como um dos meios de maior valor na contemporaneidade. Por meio dela, temos a comunicação, os registros de civilizações antigas, de diferentes modos de vida, língua, cultura, tradições e realidades. Ela parte de um universo oral construído por nossa ancestralidade mais remota, passando pela efervescência cultural dos povos bantu, de onde vieram os primeiros africanos escravizados para as Américas e, na melhor tradição preconizada por Lélia Gonzalez (2018), influenciou determinantemente a cultura da região, em especial do Brasil onde se aprendeu a falar o que a autora denominou como *pretuguês*, isto é, a marca da africanização na cultura brasileira.

Para além da exposição do que se conhece ou sonha, a música exprime uma manifestação. Pode ser considerada uma forma de denúncia, um método legítimo de externalizar um sentimento, a contemplação de uma súplica, uma poesia de lágrimas. Cada palavra, verso e estrofe, compõem o registro de uma vivência, de uma perspectiva, de um retrato de vida. A partir da análise crítica reflexiva da letra, da dialética marxista e da pesquisa documental, este trabalho buscou averiguar o

registro dos empecilhos que corroboram para o pensamento de uma humanidade (diariamente) roubada.

Giovana Xavier, intelectual negra, ressalta que “essa nova epistemologia” (circundada na perspectiva de lançar luz a novas formas de produção científica, localizadas em outros saberes vinculados à memória, à oralidade, a histórias, trajetórias familiares e demais narrativas das classes trabalhadoras, desqualificadas pelo status quo, isto é pela produção de conhecimento científico apresentada como superior aos demais saberes) insere-se no desafio de colocar em prática projetos autônomos e/ou distintos daqueles impostos pela ciência hegemônica. Assim, a autora enfatiza que é possível “substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando suas próprias histórias [...]. É sobre nós. É sobre a importância de localizar saberes e fazer ciência partindo dos lugares de fala de intelectuais negras” (XAVIER, 2019 p. 82).

É impossível, portanto, separar o sujeito que escreve de sua inspiração que vem das histórias silenciadas da população afro-brasileira, ou seja, eu e meu objeto de estudo estamos quase que umbilicalmente conectados. O que me leva agora à pergunta que intenciono fazer: você já escutou a música, tema principal deste Trabalho de Conclusão de Curso? Onde escutou? Recorda-se do verso que mais lhe marcou ou que “grudou na sua cabeça”? Espero que sua resposta seja sim; mas se for não, irei lhe explicar detalhadamente os motivos pelos quais, na minha concepção, a canção é um símbolo importantíssimo de manifestação das condições de vida e sobrevivência minimamente humanas, isto é, demonstração de insatisfação, angústia e medo. Aliado a tais elementos, há ainda o esgotamento mental e físico, frente a um Estado, em todas as suas instâncias, incompetente e omissivo. Sobre tais características jurídico-políticas do Estado capitalistas, a gente aprende nos primeiros anos de faculdade, que estão ligadas à própria dinâmica das classes sociais. No livro de Marx e Engels (1998), *Manifesto do Partido Comunista*, publicado originalmente em 1848, o Estado aparece como o *petit comité* que gere os interesses da burguesia e, logo, tem por função desorganizar a classe trabalhadora. Então pergunto de novo: você já escutou a música que é tema principal deste Trabalho de Conclusão de Curso?

Posterior a esta pergunta, necessito ressaltar um aspecto relevante, que talvez possa ser uma resposta para o motivo de você, querido(a) leitor(a), nunca ter escutado a música em questão, ou não se lembrar de nenhum verso dela. A incógnita, que não é nenhum mistério, é que o *Rap da Felicidade*, não se encontra exatamente nas batidas de um rap, mas sim em um funk, gênero musical demasiadamente rejeitado e criminalizado pela sociedade brasileira. Ou seja, apesar da canção apresentar ampla riqueza por compilar de modo inigualável as expressões da questão social, neste caso a realidade nas comunidades brasileiras, com diversos fatores relacionados a um grito por liberdade e dignidade. Ainda assim, a canção não tem a visibilidade e o reconhecimento devidos.

Por meio do ritmo, estilo, emoção, malemolência, singularidade, emoções, expectativas, sonhos, idealizações e também às frustrações, O Rap da Felicidade estourou em 1995 dando voz ao invisível, bradando por respeito, liberdade, justiça, segurança, consideração e conseqüentemente, orgulho e alegria em existir, sem medo. Posto isso, sinalizo que o que me rasga o peito, serve também como combustível. Os dados que busquei trazer com a maior veracidade, demonstram a letalidade policial. Estes causaram impactos emocionais e caminharam rente a dura realidade de ser uma pessoa negra, com familiares negros, que mesmo não sendo moradora de uma comunidade, sou ciente de ser alvo fácil em qualquer lugar onde esteja, assim como os meus, portanto, aviso a possibilidade de gatilhos, dado que estamos falando sobre um projeto genocida assistido, validado e alimentado pelo Estado e Justiça brasileiros.

Sendo assim, desejo uma boa análise e reflexão a todos.

Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Fé em Deus, DJ
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
Onde eu nasci, han
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, han
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
Onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Diversão hoje em dia não podemos nem pensar
Pois até lá nos bailes, eles vem nos humilhar
Fica lá na praça que era tudo tão normal
Agora virou moda a violência no local
Pessoas inocentes que não tem nada haver
Estão perdendo hoje o seu direito de viver
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade
Vai pra zona sul pra conhecer água de coco
E o pobre na favela vive passando sufoco
Trocaram a presidência, uma nova esperança
Sofri na tempestade, agora eu quero abonança
O povo tem a força, precisa descobrir
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar, eu
Eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
Onde eu nasci, han
E poder me orgulhar, é
O pobre tem o seu lugar
Diversão hoje em dia, nem pensar
Pois até lá nos bailes, eles vem nos humilhar
Fica lá na praça que era tudo tão normal
Agora virou moda a violência no local
Pessoas inocentes que não tem nada haver
Estão perdendo hoje o seu direito de viver
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade
Vai pra zona sul pra conhecer água de coco

E o pobre na favela, passando sufoco
Trocada a presidência, uma nova esperança
Sofri na tempestade, agora eu quero abonação
O povo tem a força, só precisa descobrir
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo aqui
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar, é
Eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz.

Alguns estudiosos compreendem que o serviço social surgiu na idade moderna, quando os homens começaram a duvidar de que a pobreza não é inerente à condição humana. A divisão da sociedade, os conflitos sociopolíticos e ideológicos, os processos de mudança e às dimensões culturais, que incluem a demonização da cultura negra, a repulsa às religiões de matriz africana, o tardio reconhecimento da importância de diversos negros na arquitetura, literatura, dramaturgia, medicina e outras profissões, a marginalização da arte e das manifestações sociais, o preconceito linguístico, entre outros fatores, caracterizam a estrutura social que vivemos e às consequências de mais de 350 anos de escravidão. Portanto, a violência nos cerca, a todo instante.

No cerne deste trabalho encontram-se *peessoas*: pais, mães, filhos, filhas, esposos, esposas, avós, avôs, netas, netos, amores de alguém. Vidas. Todas negras. Poderia passar horas escrevendo outros tantos nomes, buscando casos e divulgando dados, e ainda assim não seria capaz de conseguir notificar todas as pessoas. Enfatizo que, para além do que é comunicado aos órgãos legais, e propagado para a imprensa, existe o que fica oculto, o que não chega até a mídia, o que caminha de forma lenta no judiciário, a barbárie identificada tanto nas operações policiais quanto na impunidade dos assassinatos. Na liberdade de quem matou e, sobretudo de quem mandou matar a quem só queria ser feliz, a quem desejava andar tranquilamente na favela onde nasceu e a quem pretendia se orgulhar do lugar do pobre neste país, como relata a canção de Cidinho e Doca.

Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias

amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída (GONZALEZ, 1982, p. 15).

De acordo com a autora Lélia Gonzalez (1982), que identificou uma segregação racial no Brasil, existe um lugar naturalizado para o negro: “da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos ‘habitacionais’ (cujos modelos são guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje. O critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço” (1982, p.15). Nesta, há famílias inteiras amontoadas em cubículos, com péssimas condições de higiene e saúde, vivendo em condições as mais precarizadas. É onde também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende que o outro lugar natural do negro sejam as prisões e os hospícios” (GONZALEZ, 1982, p.15-16).

A descrição expressa acima, delinea com perspicácia as reflexões realizadas pelo escritor Milton Santos (1996/1997) a seguir, quando o autor indagava sobre o significado de ser um cidadão e o destino da população negra no Brasil. Mas, antes de apresentar às indagações pretendo lhe fazer algumas perguntas: o que você considera ser um cidadão? O que é ser um indivíduo completo, isto é, um indivíduo forte? O que é ser classe média? Ser classe média é ser cidadão? O que é ser cidadão neste país? E finalmente, os negros neste país são cidadãos?

Ser cidadão, perdoem-me os que cultuam o direito, é ser como o estado, é ser um indivíduo dotado de direitos que lhe permitem não só se defrontar com o estado, mas afrontar o estado. O cidadão seria tão forte quanto o estado. O indivíduo completo é aquele que tem a capacidade de entender o mundo, a sua situação no mundo e que se ainda não é cidadão, sabe o que poderiam ser os seus direitos.

É neste sentido que me pergunto se a classe média é formada de cidadãos. Eu digo que não. Em todo caso, no Brasil não o é, porque não é preocupada com os direitos, mas com privilégios. O processo de desnaturaçã da democracia amplia a prerrogativa da classe média, ao preço de impedir a difusão de direitos fundamentais para a totalidade da população. E o fato de que a classe média goze de privilégios, não de direitos, que impede aos outros brasileiros ter direitos. E é por isso que no Brasil quase não há cidadãos. Há os que não querem ser cidadãos,

que são as classes médias, e há os que não podem ser cidadãos, que são todos os demais, a começar pelos negros que são cidadãos. Digo-o por ciência própria. Não importa a festa que me façam aqui ou ali, o cotidiano me indica que não sou cidadão neste país.

Poderíamos traçar a lista das cidadanias mutiladas neste país. Cidadania mutilada no trabalho, através das oportunidades de ingresso negadas. Cidadania mutilada na remuneração, melhor para uns do que para outros. Cidadania mutilada nas oportunidades de promoção. Cidadania mutilada também na localização dos homens, na sua moradia. Cidadania mutilada na circulação. Esse famoso direito de ir e devir, que alguns nem imaginam existir, mas que na realidade é tolhido para uma parte significativa da população. Cidadania mutilada na educação. Quem por acaso passou ou permaneceu na maior universidade deste estado e deste país, a USP, não tem nenhuma dúvida de que ela não é uma universidade para negros. E na saúde também, já que tratar da saúde num país onde a medicina é elitista e os médicos se comportam como elitistas, supõe frequentemente o apelo às relações, aquele telefone que distingue os brasileiros entre os que têm e os que não têm a quem pedir um pistolão. Os negros não tem sequer a pedir para ser tratados. E o que dizer dos novos direitos, que a evolução técnica contemporânea sugere, como o direito à imagem e ao livre exercício da individualidade? E o que dizer também do comportamento da polícia e da justiça, que escolhem como tratar as pessoas em função do que elas parecem ser.

(SANTOS, 1996/1997, p. 133-134)

Sigo questionando, por que será que alguns (assim mesmo, é preciso utilizar o advérbio masculino, pois os homens brancos continuam ocupando o topo da pirâmide) têm mais cidadania que outros? Isto é o que Lélia Gonzalez (1982) chamou de segregação racial. E como o povo negro é visto? Bom, a resposta depende de quem sejam eles, pois a cor de sua pele define como e qual será o seu tratamento. Neusa Santos Souza (1983) enfatiza que nascer com a pele preta ou com traços negroides no Brasil, é pertencer a um grupo que foi desenraizado e discriminado racialmente. A estrutura racial o aprisiona numa imagem alienada: a branca. A classe dominante, branca, instaurou mecanismos ideológicos de barragem aos segmentos discriminados e escolheu o branco “como tipo ideal, representativo da superioridade étnica na nossa sociedade” (MOURA, 1988, p. 62). Ao negro foi imposto “um tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente” (1988, p. 62). O autor

ênfatiza que entre os dois polos foi estabelecida “uma escala de valores que vê no branco o modelo superior, no negro o inferior e as demais nuanças e miscigenação mais consideradas integradas ou socialmente condenadas, repelidas, à medida que se aproximam ou se distanciam de um desses polos considerados o positivo e o negativo, o superior e o inferior nessa escala cromática” (MOURA, 1988, p. 62).

A esta gradação cromática quase que invariavelmente corresponde uma hierarquia de classes sociais: quanto mais pobre, mais preto. Na outra ponta, os donos da riqueza social produzida são brancos, o que significa dizer que o rosto da riqueza é branco.

*Pra ver do alto a fila de soldados, quase todos pretos
Dando porrada na nuca de malandros pretos
De ladrões mulatos
E outros quase brancos
Tratados como pretos
Só pra mostrar aos outros quase pretos
(E são quase todos pretos)
E aos quase brancos pobres como pretos
Como é que pretos, pobres e mulatos
E quase brancos quase pretos de tão pobres são tratados [...]
Ou quase pretos
Ou quase brancos quase pretos de tão pobres
E pobres são como pobres
E todos sabem como se tratam os pretos.
(Caetano Veloso e Gilberto Gil, 1993)*

Na prática, todos sabem como tratar pretos e pobres ou quase pretos de tão pobres. Em 2017, um coronel da Polícia Militar de São Paulo tomava posse e ensinava a seus subordinados que era preciso abordar e falar de forma diferenciada a quem mora na região dos Jardins e quem mora nas periferias precarizadas da capital paulista:

É uma outra realidade. São pessoas diferentes que transitam por lá. A forma dele abordar tem que ser diferente. Se ele [policial] for abordar uma pessoa [na periferia], da mesma forma que ele for abordar uma pessoa aqui nos Jardins [região nobre de São Paulo], ele vai ter dificuldade. Ele não vai ser respeitado [...]. Da mesma forma, se eu coloco um [policial] da periferia para lidar, falar com a mesma forma, com a mesma linguagem que uma pessoa da periferia fala aqui nos Jardins, ele pode estar sendo grosseiro com uma pessoa dos Jardins que está ali, andando [...]. O policial tem que se adaptar

àquele meio que ele está naquele momento (ADORNO, 2017, s/p.).

Para o coronel, trata-se de uma questão de se adaptar aos inimigos diários e ao território pertencente. E quem são sistematicamente tratados como inimigos? Alguém percebeu o quanto as metáforas bélicas passaram a ser abundantemente empregadas para abordar o problema da (falta de) segurança pública no Brasil?

O uso das metáforas bélicas vem dos anos 80 e se intensificou na década seguinte, especialmente depois da “Operação Rio (I)”, em 1994. Tratava-se da segunda operação do que viriam a ser numerosos episódios de emprego das Forças Armadas no combate à criminalidade cotidiana. Hoje estas metáforas são mais estimuladas pelo emprego mais decidido (e mais coordenado com o uso das forças policiais) das tropas federais: blindados de diversos tipos dos fuzileiros navais, blindados do Exército, oitocentos homens da Brigada Paraquedista, helicópteros blindados da Força Aérea etc. (SOUZA, 2012, p. 118).

Na utilização das metáforas bélicas os territórios a serem invadidos, conquistados, combatidos, são aqueles mesmos identificados por Lélia Gonzalez (1982) como os lugares “naturalmente” reservados à população negra. Já é possível perceber que todos os espaços da sociedade são racializados. Sueli Carneiro (2011) vai além e afirma que a pobreza tem cor no Brasil. Para além da violência física e dos danos materiais, os efeitos perversos da discriminação racial são a dor e a humilhação. Para a autora, existe no país uma radiografia socioeconômica das desigualdades raciais. No entanto, “esses diagnósticos se ressentem da ausência de estudos sobre um dos aspectos mais perversos do racismo e da discriminação racial: os danos psíquicos e, sobretudo, o golpe na autoestima que os mecanismos discriminatórios produzem nas vítimas do racismo” (CARNEIRO, 2011, p. 79).

Mais uma vez, a cor da pele ocupa o centro das relações sociais, isto é, os dispositivos de racialidade revelam questões que atravessam as relações sociais. Ouso ampliar a lógica deste pensamento e exemplificar de modo didático, associando a cidadania mutilada, como observou Milton Santos (1996/1997). Por exemplo, um senhor de aproximadamente 70 anos, morador do Leblon, no Rio de Janeiro, ou do bairro Itaim Bibi, em São Paulo, têm disenteria e há poucas chances de vir a óbito por esta doença. No entanto, uma senhora de 70 anos, moradora da Rocinha ou de Paraisópolis, poderia facilmente falecer pela mesma doença. Trata-se de duas pessoas, da mesma idade, com os mesmos sintomas. Porém, suas

condições de moradia, alimentação, saneamento básico, acesso à saúde qualificada e integral, a educação e situação econômica são completamente distintas. A enfermidade sugerida é causada por uma bactéria, transmitida pela água, alimentos contaminados ou pelo contato com fezes, o que seria mais propenso a acontecer em local insalubre e/ou com água não tratada, e alimentação inadequada.

Você percebeu que em momento algum eu mencionei a cor dos personagens? Mas você imaginou os dois, certo? Enquanto pensava, você associava ao indivíduo morador da comunidade a qual cor? E o da área nobre? Não se acanhe, o processo de imaginação e a racionalização desse exemplo se baseiam em suas concepções de vida, valores, morais e constituição social, mas estão fortemente ligados aos elementos estruturantes da sociedade, o que nos faz retornar ao entendimento histórico das desigualdades sociais, ao período pós abolição da escravidão, quando as áreas que podiam ser ocupadas eram as mais afastadas, ao crescimento desordenado das cidades e às migrações, que ocasionaram a segregação do espaço pelas classes sociais, e na exclusão da população mais pobre, conseqüentemente, a população negra.

A Necropolítica, conceito desenvolvido pelo filósofo, historiador e professor Achille Mbembe define o poder político enquanto apropriador da morte como forma de gestão. Ou seja, de forma descomplicada, compreendo a definição como um método de exercitar a soberania, controlando a mortalidade e definindo a vida, por meio do poder. Então questiono: Quem morre? Como morre? Porque morre? Para Mbembe, negar a humanidade do outro, torna possível qualquer violência. Logo, é essencial apreender que o racismo vem antes do capitalismo, e o capitalismo se sustenta no racismo, sendo assim, faz-se primordial olhar para todas as dimensões que sustentam a desigualdade social e racial, para que não se reproduza o discurso de que somos todos humanos, negando às diferenças e causando uma cegueira racial coletiva. Avistar os privilégios e reconhecê-los é um passo fundamental.

O rap da felicidade elenca de forma clara e objetiva às ferramentas impostas não apenas pela sociedade capitalista, mas pelo Estado brasileiro, que corroboram para a degradação das condições de vida da população negra e periférica, logo, influenciam, reconhecem e validam o assassinato da dignidade deste recorte,

ocasionando na redução ou perda da essência humana. A Constituição federal de 1988 declara que o direito à vida é um direito inviolável, portanto, é um dever do Estado promover, proteger e assegurar as condições necessárias para uma vida íntegra. Rememorar a construção sócio histórica brasileira é como desenhar o desnivelamento social, cultural, intelectual e de oportunidades ainda fortemente presente nos dias atuais. Hoje, no que tanto se discute os tolos, os sábios e os ignorantes, reconhecer e louvar a meritocracia significa não somente não ter consciência de classe, mas não conhecer a própria história, não entender a que bases o Brasil foi constituído, nem sobre quais dores e corpos.

Os direitos fundamentais conquistados de forma tardia no país, expressam uma linha de mudança na percepção de humanidade e bem estar social, ainda que sob a forma de controle. Entretanto, as alterações que objetivam a garantia dos tais direitos, necessitam de mais do que apenas existir. Compreenda que, a existências das leis que asseguram os direitos humanos, civis, sociais, políticos e fundamentais é extremamente relevante, no entanto, existir apenas no papel não é suficiente, mas é um ponto de partida com urgência em se tornar palpável, real de modo concreto, com democracia de participação, conforme relata Milton Santos.

E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

Elza Soares; A carne (2002)

Existir, conforme o dicionário Oxford Languages significa ter presença viva, viver, ser, ter existência em determinado período de tempo; durar, permanecer. Embora os nomes citados sejam de pessoas reais e casos nada isolados que tiveram grande repercussão na mídia, a existência destas pessoas se reduz à simples expressão de um corpo, ou de um fato, a sua morte. Gostaria que todos e todas fossem lembrados pelo que foram, que fossem homenageados pelas suas coragens, pela luta, realização de sonhos, entre outras grandiosidades, ainda que vivessem com o medo que sempre nos cerca. Que os desejos, anseios do coração, e a árdua batalha diária para enfrentar e sobreviver a um sistema desigual e cruel,

se tornassem narrativas, escritos, documentários de pessoas simples, mas muitíssimo importantes, e não apenas corpos que perdemos no caminho. Que essa história, contada pelos amores, amigos, entes e conhecidos, ganhassem visibilidade, para que jamais nos esqueçamos daqueles que vieram antes de nós, que sonharam conosco, que caminharam aos nossos lados, e ficaram para trás, por milésimos de segundos. Os que partiram pela barbárie ou omissão do Estado, precisam permanecer vivos em nós e nos relatos que contaremos às novas gerações. Eles e elas, repito, filhos, pais, mães, netos, esposos e esposas, avós, amigos, parte fundamental na composição da vida de alguém e autor da própria vida, necessitam ser lembrados pelo que eram, seja por valores e generosidade, seja pelo sangue que corria pelos seus corpos e os tornavam vitoriosos a cada hostilidade enfrentada. Precisamos manter os pulsos cerrados, o olhar firme, a postura de guerreiro, o coração pulsante e memória viva, para construirmos outro futuro aos nossos, onde existir em um determinado tempo, seja sinônimo de permanecer, resplandecer, possibilitar a mudança e esperança, ainda que na dor. Kathleen Romeu, presente!

Devemos observar o constante movimento de apagamento da história da população negra brasileira favorecendo o desenvolvimento da negligência ao crime contra a humanidade, a naturalização ou coisificação sobre o corpo, a conservação da exploração, o silenciamento acerca da perpetuação das agressões a que os corpos são submetidos, seja verbal ou fisicamente. A banalização de tantas agressões, explícita ou implicitamente, admite a divergência de tratamento quanto a cor dos indivíduos e reforça a pouca, quando não a completa ausência de proteção social e de possibilidade de perspectiva de futuridade, expressando a ineficácia e relapsa gestão estatal. Ademais, tornar corriqueira e menosprezar ou negligenciar os atentados a integridade física e mental destas pessoas, relacionando a casos comuns e isolados, é como proteger o agressor e validar sua atitude, contemplando práticas seculares que tiram a humanidade dos corpos negros. Constatamos (evidentemente) a existência de um pacto inescrupuloso para que as condições e a vida da população negra mantenha-se inalterável. A realidade expõe essa constância como um projeto societário. Doloroso.

Dizer o óbvio que no entanto foi negado nos últimos quatro anos, trabalhadoras e trabalhadores do Brasil vocês existem e são valiosos para nós, mulheres do Brasil vocês existem e são valiosas para nós, homens e

mulheres pretos e pretos do brasil vcs existem e são pessoas valiosas para nós, povos indígenas deste país vcs existem e são valiosos para nós, pessoas lésbicas gays bissexuais transsexuais travestis intersexo e não binaries vocês existem e são valiosos para nós.

Silvio Almeida; Discurso de Posse como Ministro 2023

Todavia, ainda que, secularmente falando, os dados estejam contra nós em diversos âmbitos, como nos níveis de escolaridade, espaços de decisão e tomada de poder, em status de reconhecimento intelectual e profissional (mesmo com a distinção face ao gênero), as condições de habitação e alimentação adequadas, o acesso à cultura, lazer, a liberdade, etc, existe também uma potente mobilização pautada em atitudes e discursos como o de Rosa Parks, Martin Luther King, Nelson Mandela, e tantas outras personalidades, cuja finalidade ultrapassa a esperança, utilizando da agitação e movimentação popular para a possibilidade de mudança, união e consciência, tanto racial quanto de classe.

Por todos eles e todas elas! Chica Xavier (mulher cuja semelhança com minha avó materna é inegável), Ruth de Souza, Milton Gonçalves, Viola Davis, Will Smith, Damon Wayans no cinema. Glória Maria, Heraldo Pereira, Flávia Oliveira, no jornalismo. Joaquim Barbosa no Judiciário e Benedita da Silva na política (esta, que têm toda a minha admiração e é referência enquanto profissional e mulher, é que também me remete a minha avó). Barack Obama, primeiro e único presidente negro dos Estados Unidos. Angela Davis e Milton Santos, intelectuais. Pixinguinha, Leci Brandão, Bob Marley, Luiz Melodia, Seu Jorge, Milton Nascimento, Beyoncé na música. Erlon Chaves, maestro, cujo nome, personalidade e relevância foi escolhido por minha avó paterna, para ser também o nome do meu pai. Wendy Andrade na fotografia e escrita sensível que me tocam a alma. No esporte, Daiane dos Santos, Lewis Hamilton, Rafaela Silva, Serena Williams, Simone Biles, Usain Bolt, Ronaldinho Gaúcho e Marta. Zé do carço, líder comunitário.

Estes e estas, são referências ilustres, parâmetros, luz, abertura de muitos caminhos para milhares de pessoas. Acalanto. As sementes germinadas e cultivadas, são hoje grandes e brilhantes espelhos que refletem a conquista da presença de alguns de nós, negros e negras, em espaços de poder, conhecimento, arte, entre outros. Obviamente, apesar das estatísticas, estamos ocupando lugares

antes dificilmente alcançáveis, progredindo na luta por mais espaço, visibilidade e reconhecimento enquanto cidadãos.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, documento que delinea a proteção universal de direitos básicos, em seu artigo 6, predispõe que: “Todo ser humano tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa perante a lei.” Mais adiante, e paralela ao direito legítimo de existência, o artigo 22, cuja menção é: “Todo ser humano, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, à realização pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.”

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai
Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história
Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
Se preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
Identidade; Jorge Aragão (1992)

Quando nós, negras e negros nos movimentamos, toda uma estrutura se movimenta.

CAPÍTULO 2
A ANULAÇÃO DA VIDA DO
NEGRO

A inferiorização do corpo negro e a desvalorização da sua vida é histórica, compreendida socialmente como elemento estrutural da formação social brasileira e princípio, base para o capitalismo e suas inúmeras opressões, visto que este se âncora no racismo para manter a sua reprodução desigual. No entanto, em 522 anos de Brasil e após 134 anos de uma abolição tardia da escravidão, a naturalização da violência contra o negro persiste, validando a degradação das condições de vida e favorecendo a invisibilidade e a desumanizações destes corpos. É possível compreender a atual impossibilidade da completa alteração da realidade durante o tempo, visto que o país foi construído se escorando no escravismo, na segregação sócio espacial, e por meio da opressão (social, racial e de gênero), e que ainda se persevera uma lacuna de consciência histórica, social e política. Por isso, é inadiável realizar um movimento constante de avaliar e discernir os motivos pelos quais a vida de negros e negras moradores da periferia são atingidos com demasiada fúria e impetuosidade. Se faz urgente conhecer e compreender a completude da história do país para preencher este vácuo que alimenta a ignorância.

Para além da construção sócio histórica e cultural, precisamos analisar a incoerência e a validade de um Estado que visivelmente têm alvo. O presente estudo e análise da composição musical visa elencar fatores primordiais que contribuem para o desenvolvimento de um pensamento que compreende que a humanidade de negros e negras foi e continua sendo retirada. Entretanto, ousar dizer que a depender do espaço onde se está inserido, a característica do que é humano é completamente eliminada. A humanidade é assassinada, como um coração que é retirado do corpo quente, ainda a pulsar sobre as mãos que sangram. Um retrato clássico, geopolítico, cultural e social da pátria brasileira e das relações sociais vigentes.



“O Brasil devia ser dirigido por quem passou fome.”

MARIA CAROLINA DE JESUS; 1960

Artigo 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes. (Constituição Federal, 1988)

Eu estou aqui. Encontro-me em certo momento ou lugar, de corpo e alma, imersa em pensamentos, vivências e histórias que contemplam a minha essência, existência e resistência. Contudo, não existe outra forma de se fazer uma leitura crítica do presente, se não, olhando para o passado. Deste modo e com grandiosa atenção aos detalhes e nuances da história, das relações, conquistas e retrocessos, ainda que de forma sucinta, visto que falamos sobre 5 séculos de Brasil, destacarei marcos que possibilitaram às atuais circunstâncias, o retrocesso, e a estagnação paralela aos muitos avanços. "A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente" (HAMPATÉ BÂ, 2003, p. 175)

¹ Imagem encontrada na internet, sem os créditos do artista.

Sendo assim, para assimilar o atual cenário do país, necessitamos olhar para a sua fundação, com pilares alicerçados na servidão, opressão, violência, miscigenação e desigualdade social. De início, reitero que o Brasil é terra indígena, portanto não foi descoberto, mas sim invadido. Concentremo-nos então, por pensar na gênese deste processo de “descoberta”, elencando algumas das características principais das relações sociais e de poder que seguem influenciando e validando o tratamento de subalternização e exclusão de humanidade da população negra. A chegada dos portugueses em 1500 e o processo de escravidão indígena no território é o primeiro ponto a se pensar. Apoderar-se das terras, sobrepor-se enquanto supremacia branca, domínio intelectual, cultural, religioso, político, linguagem, valores, vestimentas e outras inúmeras questões intrínsecas do processo de colonização são aspectos preponderantes e marcadores importantíssimos para nossa análise e reflexão crítica.

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das decisões políticas. O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia a política. Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio dos exploradores do povo.

O Analfabeto Político; Bertolt Brecht; 1988

A Igreja Católica na “fundação do Brasil” contribuiu muito para o fortalecimento e enriquecimento da burguesia, orientando e cooperando com os processos de exploração e submissão. O cunho civilizador das missões jesuíticas propagavam a ideia de que o indígena deveria ser salvo (do quê? porque? e pra quê?), com a defesa de que estes tinham alma, e uma alma passível de salvação, o que mais tarde justificaria a escravização dos negros que, de acordo com a igreja, não dispunham de alma. A defesa da base moral e religiosa da instituição para tal processo de submissão partia do princípio de que os africanos eram descendentes de Cam, o filho de Noé amaldiçoado como servo dos servos. Aliado a isso, a exploração de recursos naturais e do território brasileiro, junto à necessidade de

subsistência dos povos recém chegados à Pindorama (como denominavam alguns indígenas do litoral do nordeste do país) que enfrentavam questões econômicas, e se aproveitaram do tráfico negreiro, dado o seu lucro e a nula necessidade de tratá-los como seres humanos. A comercialização ou melhor, o processo de escravidão, existiu desde o Egito Antigo e a própria Bíblia traz relatos sobre como as pessoas se tornavam escravas na África por conta das guerras entre reinos e tribos, ou por dívidas e, logo, não por serem consideradas aptas para a servidão.

Entre os factos que mais prendem a aítenção notarei: a lueta intes- tina entre Christãos e índios, o odio dos Christãos e as calamidades que commettiam contra os índios, o desamor dos povoadores á terra, a guerra que sofíriam os Jesuitas dos sacerdotes, que tinham 11 mais oíticios dc Dcmonios que dc clérigos » (pg. 85), a prejudicial população ile degradados, a falta dc mulheres brancas que eram tão desejadas « que quaesquer farão muito bem á terra (pg. 98) », « ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, com tanto que não sejam taes que de todo tenham perdido a vergonha, a Deus e ao mundo.

[(pg. 54)- Cartas do Brasil, Manoel Nóbrega]

No século XIX, o surgimento das teorias eugenistas como método de controle da genética da sociedade, cujo objetivo principal consistia supostamente na melhoria da raça humana e das gerações futuras, fundamenta o racismo. A eugenia, muito associada ao que conhecemos sobre o Holocausto e o nazismo, busca a pureza das raças e o extermínio do “impuro” (assim como o sistema de castas na Índia, ainda que não aniquilassem a vida, desonravam-na). Tais pensamentos contribuíram para a manutenção de uma hierarquia racial com supremacia branca, desprovida de respeito e senso de humanidade, fator determinante para a conservação o racismo, preconceito, da demonização de toda e qualquer cultura que não a dominante. Cresce a partir daí a mutilação da identidade de negros.

Foi sobretudo no pós-abolição que cresceram as teorias racialistas no Brasil, pois a partir dali era preciso construir uma nação forte e, para a sociedade racista, isto só era possível se a população se tornasse branca. A tela, de 1895, *A redenção de Cam*, do espanhol Modesto Brocos, remete ao mito bíblico da maldição lançada por Noé sobre seu filho *Cam*. *O artista retrata em detalhes a felicidade da avó preta por ter recebido dos céus o neto branco (representando o novo Brasil). A pintura*

retrata a tentativa de branqueamento de um país, o que fica ainda mais explícito quando Batista de Lacerda, à frente do Museu Nacional, participa do 1º Congresso sobre as raças, ocorrido em 1911 em Londres, e leva a tela para ilustrar o projeto do estado brasileiro de embranquecer a nação. Uma ideologia que se perpetuou por muitos anos e impactou a vida dos brasileiros e brasileiras que, para sobreviverem à tortura de ser negro e associado a tudo o que há de pior, passou a fazer o registro de nascimento de seus filhos e filhas como pardos e pardas[1].

*O Brasil aplaude a miscigenação quando clareia.
Quando escurece, ele condena.
O táxi não para pra você, mas a viatura para.
Esse é o problema urgente do Brasil
Emicida*

Segundo Rousseau, o homem nasce bom mas a sociedade o corrompe, algo acaba com esse processo, e este algo é a propriedade privada. Enquanto alguns indivíduos possuem bens, outros não, isso aumenta a desigualdade e conseqüentemente a miséria, portanto para ele o contrato social serve para combater, ir contra essa disparidade. O Estado então surge baseado na vontade do povo, com o objetivo de preservar a liberdade civil e representar o coletivo, o mesmo que deve orientar a elaboração das leis, e não dos interesses individuais. Rousseau cria uma ideia de democracia onde o cidadão é responsável por suas ações e pela construção de leis dentro de uma sociedade.

Pensando em Nação, retornaremos ao Império de Dom Pedro II. A monarquia, entendendo os sinais de que a abolição da escravidão no Brasil estaria próxima, deu início ao processo de marginalização do negro por intermédio de leis, demarcando a eles os piores espaços para moradia, e livrando-se da responsabilidade de questionar e pensar em políticas públicas de inclusão para a população liberta, pobre e negra.

[1] Hoje o termo foi politizado pelo movimento negro e é utilizado pelo IBGE para representar um grupo de pessoas que, juntamente com os pretos, integram a categoria negro.

Dois anos após a abolição tardia, os que não tinham trabalho, ou residência verificada, os que vagavam pelas ruas, ou fizessem qualquer movimento relativo a capoeira, eram presos, em conformidade com o Código Penal:

– Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890.

“São proibidos de frequentar as escolas públicas: Primeiro: Todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas. Segundo: os escravos e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (FONSECA, 2002, p. 12).

A exclusão da população negra nas escolas pode ser averiguada pela *Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837*, que decretava a instrução pública primária e secundária a todos os cidadãos, tornando-a responsabilidade das províncias, e por conseguinte, descentralizando a educação. Desta forma, alguns estados interferiam proibindo, impedindo que crianças negras frequentassem as escolas. Mais uma vez questiono, quem eram estes cidadãos? Conforme Artigo 6 da Constituição Brasileira do Império de 1824, os Cidadãos Brasileiros eram:

I. Os que no Brazil tiverem nascido, quer sejam ingenuos, ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua Nação.

II. Os filhos de pai Brasileiro, e Os illegitimos de mãe Brasileira, nascidos em paiz estrangeiro, que vierem estabelecer domicilio no Imperio.

III. Os filhos de pai Brasileiro, que estivesse em paiz estrangeiro em sorviço do Imperio, embora elles não venham estabelecer domicilio no Brazil.

IV. Todos os nascidos em Portugal, e suas Possessões, que sendo já residentes no Brazil na época, em que se proclamou a Independencia nas Provincias, onde habitavam, adheriram á esta expressa, ou tacitamente pela continuação da sua residencia.

V. Os estrangeiros naturalizados, qualquer que seja a sua Religião. A Lei determinará as qualidades precisas, para se obter Carta de naturalisação.

No artigo 7, os critérios para a perda dos direitos, o que nos importa, o aspecto seguinte:

III. O que for banido por Sentença.

Em seguida do artigo 8 em que se suspende o exercício dos direitos políticos:

I. Por incapacidade física, ou moral.

II. Por sentença condenatória a prisão, ou degredo, enquanto durarem os seus efeitos.

Agora que sabemos quem eram os considerados dignos de direitos, e que discutiremos acerca do que os recém libertos poderiam ou não fazer, posso disparar alguns questionamentos sobre: Quais os corpos eram demasiadamente banidos? Qual era a cor dos que após longo período de opressão, expostos a agressões, não tinham capacidades físicas, psíquicas e morais?

Brasileiro vive na raça
O pagode é o canto da massa
'Tá plantando até bananeira
É José, é João Ferreira
Mas ninguém me reconhece
Como grande cidadão, negão
É cidadão, é cidadão, é cidadão
Ninguém me reconhece
Como grande cidadão
É cidadão, é cidadão, é cidadão
Art Popular, 1998

Com o crescente processo de urbanização, a transformação na ocupação dos espaços ocorre de forma acelerada e incontrolável, o que propicia precarizações e aumenta consideravelmente as discrepâncias que resultam na exclusão e desamparo, resultando na indigência de um percentual da sociedade. Habitar, pertencer e se enxergar em tais espaços demanda tempo, identificação e depende das oportunidades de acesso a meios fundamentais para a sobrevivência. (Raquel Rolnik; 2004) É como se a cidade fosse um eterno quebra cabeças feito de peças diferenciadas onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. Este movimento de separação das classes e funções no espaço urbano são chamados de segregação espacial.

[...] quando nos debruçamos sobre o que ocorreu nos dias posteriores ao congoamento de 13 de maio de 1888, percebemos que as correntes formais deixaram de existir, mas o salto para que os(as) trabalhadores(as) negros(as) fossem reconhecidos(as) como parte constitutiva da insipiente nação brasileira tornou-se um longo e intolerável cortejo. O Estado brasileiro não implementou políticas que impulsionassem a inclusão destes(as) no universo da cidadania, até porque isto implicaria profundas mudanças nas relações sociais, especialmente no campo. Ironia das ironias, finalmente

libertos(as) e *aptos(as)* a venderem livremente sua força de trabalho ao capitalista, a almejada liberdade não garantiu condições para que se integrassem de fato ao proletariado, não puderam sequer compor o exército industrial de reserva, a não ser, parafraseando Florestan Fernandes (2008), como *escória da escória* do operariado em formação (GONÇALVES, 2018, p. 515).

E quando analisamos o recorte dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia, e produção de vida nas cidades, enxergamos nitidamente a ação discriminatória por parte do poder público, que acaba por demarcar fronteiras imaginárias que definem o local de cada morador. Portanto, o acesso é radicalmente delimitado e as condições de acesso à saúde, lazer, educação e bem estar tornam-se escassas. (D. Battaus; Emerson. Oliveira; 2016) O direito à cidade, enquanto um direito metaindividual, sublocado à terceira dimensão dos direitos, e com amparo constitucional, é, fundamentalmente, um direito que os cidadãos têm a uma cidade hígida, a um ambiente harmônico e equilibrado e a um local que proporcione dignidade à pessoa. Nessa linha, viabilizar o direito à cidade é também dar efetividade à dignidade do indivíduo, melhorando, assim, a qualidade de vida dos cidadãos.

Os trabalhadores(as) negros(as) foram empurrados(as) para áreas cada vez mais afastadas dos centros urbanos sob os argumentos higienistas e eugenistas do período que edificavam construções consideradas de saneamento e embelezamento das cidades. A edificação da Praça da Sé em São Paulo levou à demolição dos cortiços, hotéis e pensões, um resultado direto dessa *limpeza* (ROLNIK, 1989). À segregação racial se seguiu a repressão do aparelho policial do Estado, pois o controle destas áreas tornou o negro o suspeito preferencial (GONÇALVES, 2018).

Nos anos de 1970 e 1980 cresciam os chamados bailes blacks, como eram chamadas as festas espalhadas pelas periferias da capital paulista. Os bailes surgiam e se disseminavam como “vertente brasileira do Black Power, movimento que marcou a luta dos negros norte-americanos por igualdade de direitos civis e reverberou em diversos países do mundo” (PINHEIRO, 2017, s/p.).

Toda sexta-feira havia um corpo a corpo no Viaduto do Chá, onde negros e negras se reuniam para saber dos bailes que aconteceriam no fim de semana. O viaduto ficava tomado de gente preta, até que a polícia começou a perseguir e a

bater em quem estava por ali. Em entrevista à *CULTURA!Brasileiros*, um dos frequentadores dos bailes blacks daquele período comenta o seguinte:

Os encontros começaram na rua Direita, passaram pelo Viaduto do Chá e foram para as galerias da rua 24 de Maio na segunda metade dos anos 1970, onde permaneceram até o começo dos anos 1980, quando a Polícia Militar começou a sentar a borracha na turma. Foi então que partimos para a praça Antonio Prado, no lado oposto do centro, e depois fomos para a estação de metrô São Bento, onde surgiu o hip-hop brasileiro. Como a estação tem mais de dez saídas, era ideal para fugir da PM. Se eles viessem por um lado, a gente fugia pelo outro. Até o Djavan tomou borrachada na rua Direita (PINHEIRO, 2017, s/p.).

Fica evidente que o lazer de pessoas negras estava terminantemente proibido. Esta proibição perdura até os dias de hoje. A este respeito, em entrevista à Nice Lira (2021), da *Agência de Notícias das Favelas*, o Mc Sargento com relação ao Funk observa que: “O preconceito existe porque o funk vem do pobre, do preto, do favelado. Já vi gente falando que jogaria uma bomba dentro do baile. Isso é muito triste e uma falta de respeito” (LIRA, 2021, s/p.). Sobre o mesmo assunto, Jone DJ enfatiza que esse preconceito precisa acabar. Para ele, “se você vai em Ipanema, Leblon, em boates, o nosso funk está tocando lá. O preconceito com a gente é porque somos favelados. O que a gente toca não é apologia a nada, é a nossa realidade, é o que vivemos dentro da favela” (LIRA, 2021, s/p.).

O preconceito, na verdade, é porque se trata de gente favelada, mas sobretudo de gente preta. Herdeira da violência da escravidão, o aparelho repressivo do estado é a continuidade dos capitães-do-mato, que nunca tiveram empecilhos em torturar. O Estado brasileiro criou uma polícia forte e uma justiça severa com o objetivo de conter o que considerou “maus instintos”. São inúmeras as imagens de pessoas negras sendo torturadas por policiais com a aprovação dos olhos curiosos dos “bons cidadãos” ou “cidadãos de bem”, legitimando e naturalizando, portanto, a violência.

*Era só mais um Silva que a estrela não brilha
Ele era funkeiro, mas era pai de família
É só mais um Silva que a estrela não brilha
Ele era funkeiro, mas era pai de família*

*Era um domingo de Sol, ele saiu de manhã
Pra jogar seu futebol, deu uma rosa pra irmã
Deu o beijo das crianças, prometeu não demorar*

*Falou pra sua esposa que ia vir pra almoçar
Mas era só mais um Silva que a estrela não brilha.*

*Era trabalhador, pegava o trem lotado
Tinha boa vizinhança, era considerado
E todo mundo dizia que era um cara maneiro
Outros o criticavam porque ele era funkeiro
O funk não é modismo, é uma necessidade
É pra calar os gemidos que existem nessa cidade
Era só mais um Silva que a estrela não brilha*

Era só mais um silva.
Bob Run (1996)

Regressamos então ao século XIX para melhor compreensão do que é relatado. Em 18 de setembro de 1850 era decretada A Lei de Terras nº 601 que definia a divisão e descrição das terras brasileiras, a medição, conservação, fiscalização e venda. A partir deste momento, a terra se tornaria mercadoria, podendo ser adquirida apenas por meio da compra. Lembremos que até então, haviam-se à concessão de sesmarias, que davam o direito de usufruir das terras. Notamos que na mesma medida em que se produz mais riqueza, se produz mais pobreza, e maior é a contradição de acesso à riqueza socialmente produzida.

[...] quando nos debruçamos sobre o que ocorreu nos dias posteriores ao conagraçamento de 13 de maio de 1888, percebemos que as correntes formais deixaram de existir, mas o salto para que os(as) trabalhadores(as) negros(as) fossem reconhecidos(as) como parte constitutiva da insipiente nação brasileira tornou-se um longo e intolerável cortejo. O Estado brasileiro não implementou políticas que impulsionassem a inclusão destes(as) no universo da cidadania, até porque isto implicaria profundas mudanças nas relações sociais, especialmente no campo. Ironia das ironias, finalmente *libertos(as)* e *aptos(as)* a venderem livremente sua força de trabalho ao capitalista, a almejada liberdade não garantiu condições para que se integrassem de fato ao proletariado, não puderam sequer compor o exército industrial de reserva, a não ser, parafraseando Florestan Fernandes (2008), como *escória da escória* do operariado em formação (GONÇALVES, 2018, p. 515).

Nota-se que o fim do processo que culminou na abolição da escravatura, o Estado brasileiro não mediu esforços para controlar a população ex-escravizada. Em 1890, o Código Penal passou a ser “um importante instrumento jurídico que transformou em práticas criminais as manifestações da cultura negra (a capoeira, a feitiçaria, o curandeirismo, etc.) e passou a regulamentar e qualificar como delito o ócio” (GONCALVES, 2018, p. 518). Subentende-se que o lazer não pode fazer parte da vida do(a) ex-cativo(a)[1].

A partir daí, constata-se os esforços para a criminalização do que é negro. Nos versos abaixo, conferimos como os bailes, e as expressões da cultura negra urbana, se transformaram em territórios inimigos, assim como seus/suas frequentadores(as) já o eram desde sempre.

*Diversão hoje em dia não podemos nem pensar
Pois até lá nos bailes, eles vem nos humilhar
Fica lá na praça que era tudo tão normal
Agora virou moda a violência no local
Pessoas inocentes que não tem nada haver
Estão perdendo hoje o seu direito de viver*

John Locke, grande filósofo do empirismo britânico, propagou seu estudo que exprimia a ideia de que de acordo com o estado de natureza, o ser humano tem direitos naturais, estes, são intrínsecos ao homem independente de sua classe social, etnia, raça ou cor, ou seja, são direitos da existência humana: a vida, liberdade e a propriedade. Sua teoria influenciou, estruturou e amparou a revolução francesa, com a revolta da população mediante as condições precárias de vida, a crise política, econômica e social na França.

Destaco que neste período o país era majoritariamente rural e muito desigual, e a menor parcela da sociedade, por berço ou concessão, detinha do poder, a chamada aristocracia francesa. Neste sentido, a teoria de Locke ocasionou em uma grande organização coletiva que objetivava um contrato social para proteger os direitos que já possuíam naturalmente, ainda que na realidade fossem demasiadamente distantes. Portanto, se todos nascem iguais perante a lei, a única função do Estado seria proteger e servir ao indivíduo.

[1] Uma proibição que com frequência se estende a boa parte da classe trabalhadora. Basta ver que em algumas regiões do Brasil, o metrô não circula nos finais de semana, isto é, trata-se de um meio de transporte que serve apenas para se deslocar para o local de trabalho.

A população revoltada e seus ideais ainda ecoam por todos os lugares do mundo, quando o gemido silencioso implora pelo que é naturalmente seu, o direito de existir: Liberdade, igualdade e fraternidade. A primazia do Estado de gerar segurança para todos é uma utopia.

É nesta tensão entre produção da desigualdade e produção da rebeldia e da resistência, que trabalham os(as) assistentes sociais, situados(as) nesse terreno movidos(as) por interesses sociais distintos, aos quais não é possível abstrair ou deles fugir porque tecem vida em sociedade. Exatamente por isso, decifrar as novas mediações por meio das quais se expressa a questão social, hoje, é de fundamental importância para o Serviço Social em uma dupla perspectiva: para que se possa apreender as várias expressões que assumem, na atualidade, as desigualdades sociais – sua produção e reprodução ampliada – quanto projetar e forjar formas de resistência e de defesa da vida (IAMAMOTO, 2006, p. 28).

CAPÍTULO 3

**COMO FALAR SOBRE ALGO QUE
ME RASGA O PEITO?**



Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
Histórias, registros e escritos
Não é conto nem fábula, lenda ou mito
Não foi sempre dito que preto não tem vez?
(RACIONAIS, MCs. 2002)

A tortura e completa ausência de respeito aos direitos humanos é muito próxima a população negra desde a escravatura. No entanto, o que devemos notar e analisar cautelosamente, é a persistência e a banalização de tratamentos insalubres, cruéis e desumanos. Alguns intelectuais descrevem o racismo no Brasil como o crime perfeito, porque ele mata, adocece e é tratado como desigualdade social, o que favorece o pacto da branquitude.

Há, no entanto, por parte dos cientistas sociais brasileiros uma certa vergonha de abordar o problema nesses termos. A escravidão no Brasil, segundo esses estudiosos, deverá ser vista como uma instituição diferente das outras escravidões modernas e da escravidão clássica da Grécia e de Roma. A escravidão brasileira, segundo eles, deveria ser analisada como diferente da que existiu na América Central, Caribe, Estados Unidos e outras regiões da América do Sul, como Colômbia e Peru. O índio e, posteriormente, o negro escravizados teriam até se beneficiado com o cativo, para esses autores. O primeiro porque foi cristianizado, e o segundo porque, além dessa benesse do

cristianismo, foi beneficiado, também, pelo tipo de escravidão que se implantou no Brasil: indulgente, paternal, conciliadora e patriarcal em face da índole do colonizador português adepto de uma política democrática e miscigenatória, política que democratizaria as relações entre senhores e escravos. No entanto, ao contrário do que dizem esses cientistas sociais tradicionais que desejam negar e/ou escamotear o assunto, a escravidão no Brasil nada teve de benigna, democrática e cristã. Pelo contrário. Milhões de homens foram transportados compulsoriamente de suas terras de origem, na África, colocados amontoados em navios negreiros, os tumbeiros, e levados, depois de ferrados com ferro em brasa, para serem vendidos nos entrepostos (mercados) como mercadoria. (MOURA, 1988a, p. 5)

A Constituição Federal de 1988 é o marco civilizatório do país que fez vigorar a democracia, a garantia da liberdade de expressão, dos direitos fundamentais, da proteção à infância e juventude, da saúde pública, assistência social e previdência, entre outras conquistas. A lei dispõe ainda, do princípio da igualdade/isonomia que garante a igualdade racial, igualdade entre os sexos, igualdade de crença religiosa, igualdade jurisdicional, trabalhista e política, sem distinções. No entanto, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país. De acordo com o Atlas da Violência de 2020, o risco de ser vítima de homicídio é 74% maior para homens negros e 64,4% maior para mulheres negras. Dos 91,8% do total de homicídios, 75,7% das vítimas eram negras. Incoerência, desprezo e crueldade. O Brasil perpetua a naturalização da violência desde os primórdios, mas o que poderíamos esperar, quando os próprios nativos não reconhecem a existência do racismo? Os dados alarmantes revelam e enfatizam a continuidade do projeto de embranquecimento, visto que ser negro, te torna ainda mais alvo, e mais próximo da morte. Configuramos esta, parte imprescindível a compreensão sobre a exclusão do que é essencialmente humano, e sobre a eliminação das chances de acesso a condições dignas de vida, mesmo que estas sejam garantidas por lei.

A ação policial é a face mais visível e palpável do racismo. Este que alimenta um sistema controlado por coronéis, delegados, promotores e juízes brancos que favorecem outros brancos abastados enquanto praças e carcereiros negros

prendem, matam e guardam jovens também negros. Essa configuração envolve política, poder e dinheiro de corrupção. Reside aí o desafio imperioso de controlarmos e reduzirmos as forças policiais, além de mudarmos o sistema de justiça criminal.

(Pele Alvo, a cor que a polícia apaga, 2022, p. 6)

Hoje, ao tocar o celular e abrir uma rede social qualquer, fui atravessada por uma gravação. Mais propriamente dizendo, fui engolida. Narrarei-a da melhor forma possível para que possa imaginar e sentir. O ângulo da gravação é na vertical, de pé, no que parece uma ladeira. Vejamos como se eu estivesse filmando alguém poucos metros abaixo de mim, com uma visão periférica do que acontecia ao redor. Um policial, à minha frente, descendo a ladeira, com uma metralhadora na mão, mirando no rumo de um menino de aparentemente 7 anos, negro e sem camiseta. Indecifrável o rosto do garoto que se vê diante a postura do policial e da grande arma apontada em sua direção. Ao concentrar os esforços para observar o seu olhar, pude notar incompreensão, fúria, medo, nervosismo. Do lado da criança, uma janela, quando a câmera se aproxima, observo uma turma de mulheres e crianças fazendo aula de balé com a professora, música clássica e muitas palmas. Ao mudar o ângulo da filmagem para a rua, vejo e escuto o silêncio, e crianças na praça diante a uma igreja. Falar sobre a naturalização da violência perpassa enxergarmos a fúria da brutalidade, às micro ações intencionais ou não, são partes integrantes de ações impetuosas e inadmissíveis que causam grande horror a sociedade civil, mais que isso, traumas e gatilhos a quem vivencia e teme a própria vida, não obstante disso, a comoção social dura pouco e não é o suficiente para reforçar a mudança, mas ainda é necessária. “Entre fuzil e guarda chuva não existe diferença. Wellington Souza (@eumesmoton) “. Brasil, o país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza é o mesmo que o da barbárie.

A decisão de não aceitar como óbvias e evidentes às coisas, ideias, fatos, valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana; Jamais aceitá-los sem antes havê-los investigado e compreendido. (CHAUI, 2000, p 18).

Um Estado que não assiste à favela, mesmo testemunhando a todo instante uma dor, uma perda, uma tragédia, um desastre natural, a poluição, o saneamento básico precário, a escolarização arruinada, a morte. Hoje, 21 de Julho de 2022, acompanhamos mundialmente a guerra na Ucrânia iniciada em 24 de fevereiro deste mesmo ano. Me absterei de detalhes sobre o histórico deste conflito, que apesar de iniciado há muitos anos devido às tensões políticas, territoriais e sociais, só se efetivou brutalmente na atualidade. Neste sentido utilizarei essa informação para uma comparação quantitativa (apenas de modo didático, visto que não devemos mensurar os efeitos de uma guerra e a proporção de vidas modificadas). O exercício realizado a seguir auxiliará na percepção numérica da mortalidade e na presença, ou crescimento de uma lógica de guerra, onde se dita quem vive, e quem morre.

Partimos de informações confirmadas pela Organização das Nações Unidas, que atestam que, **de fevereiro até o final de junho de 2022, houveram 4,7 mil mortos no período da guerra**. Não precisamos de matemática básica para analisarmos com espanto os dados publicados apenas um mes depois, em agosto de 2022, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, quando se protocolou **47.503 vítimas de morte violenta e intencional, destas 77,9% negras e negros**, sendo eles, 91,3% do sexo masculino, em apenas um ano, 2021. Obviamente existe uma margem de erro, dados os desafios enfrentados pela Ucrânia para verificar as informações, todavia, o fato elucidado ainda causa horror e certa confusão mental. Eu, autora do trabalho, esclareço que não houve o intuito de parecer desrespeitosa pelo paralelo, porém, não poderia deixar de destacar a similaridade, ou melhor, o elevado número de mortes de um país “sem guerra”. Saiba que eu também estou estarecida com as evidências apresentadas.

“Porque nada é feito para estancar a sangria da juventude negra pela polícia brasileira?”

Segundo *Ricardo Westin (2020)*, “no Brasil, ser negro significa ser mais pobre do que o branco, ter menos escolaridade, receber salário menor, ser mais rejeitado pelo mercado de trabalho, ter menos oportunidades de ascensão profissional e social, dificilmente chegar à cúpula do poder público e aos postos de comando da iniciativa privada, estar entre os principais ocupantes dos subempregos, ter menos

acesso aos serviços de saúde, ser vítima preferencial da violência urbana, ter mais chances de ir para a prisão, morrer mais cedo. Quando a negação prevalece, essa realidade é interpretada como decorrência natural e inevitável das desigualdades sociais do Brasil e não se consegue enxergar que a verdadeira causa é o racismo. É por isso que os negacionistas rechaçam políticas de cunho racial como a demarcação de terras quilombolas e a criação de cotas nas universidades e nos concursos públicos.”

Não digam que fui rebotalho, que vivi à margem da vida. Digam que eu procurava trabalho, mas fui sempre preterida. Digam ao povo brasileiro que meu sonho era ser escritora, mas eu não tinha dinheiro para pagar uma editora.

Quarto de despejo – diário de uma favelada, 1960, de CAROLINA MARIA DE JESUS

No modo de produção capitalista, o eixo comum é a produção social, cada vez mais coletiva, ao passo que a apropriação dos seus frutos mantém-se cada vez mais privada e restrita apenas a uma parcela ínfima da sociedade (IAMAMOTO, 2006).

O Brasil é o país que mais lincha no mundo, segundo a pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, o que remete a reflexão a respeito da disposição do ser humano de cometer um crime, em nome da “segurança e paz”, cuja atribuição e responsabilidade são do Estado, segundo a Constituição Federal e o discurso furado do governo. Oratória muito utilizada em campanhas eleitorais que fabricam o sonho da segurança pública com mais armamento e policiais treinados nas ruas, mas para a proteção de quem? E o aniquilamento de quais vidas?

Mas demonstra claramente infelizmente
Preconceitos mil de naturezas diferentes
Mostrando que essa gente essa gente do Brasil é muito burra
E não enxerga um palmo à sua frente
Porque se fosse inteligente
Esse povo já teria agido de forma mais consciente
Eliminando da mente todo o preconceito

E não agindo com a burrice estampada no peito
A elite que devia dar um bom exemplo
É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento
Num complexo de superioridade infantil
Ou justificando um sistema de relação servil
E o povão vai como um bundão
Na onda do racismo e da discriminação
Não tem a união e não vê a solução da questão
Que por incrível que pareça, está em nossas mãos
Só precisamos de uma reformulação geral
Uma espécie de lavagem cerebral
Vai da uma olhada ai
Na sua universidade e vê quantos professores são brancos
E quantos professores negros você tem
Da uma olhada nos alunos de medicina de engenharia
Pagamos homens que pensam que ser humilhado não dói
Você aprendeu que preto é ladrão
Muitos negros roubam, mas muitos são roubados
E cuidado com esse branco aí parado do seu lado
Porque se ele passa fome
Sabe como é ele rouba e mata um homem
Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morreriam igual
Se não fossem o retrato da nossa ignorância
Transmitindo a discriminação desde a infância
E o que as crianças aprendem brincando
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando
Racismo é burrice - Gabriel, O pensador.



Então questiono, a desumanização da população negra periférica é legitimada pelo Estado?

Os aparatos legais, descritos na música, baseados nas leis e na notória diferença de tratamento comprovam a retirada do que é essencialmente humano na vida negra, reconhecendo, assistindo, sendo conivente e legalizando o assassinato destes corpos por meio do aniquilamento de tudo o que proporciona autonomia, segurança, identidade, bem estar, afeto e dignidade.

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo

É PRECISO AGIR
Bertold Brecht (1898-1956)

Pessoas negras pedem paz.

CAPÍTULO 4
A PÁTRIA AMADA,
IDOLATRADA E A HUMANIDADE
ASSASSINADA

Lutar por igualdade não tem nada haver com os brancos. Não queremos ser iguais aos brancos. Eles não são critério, nem medida. Eles não estão em posição de nos dizer o que é igualdade.

Malcolm X

Em todos os países do mundo que foram beneficiados pelo tráfico humano do negro africano, se instaurou depois da abolição jurídica da escravidão, diferentes modelos de racismo de acordo com a estrutura e poder desses países. Estes modelos têm dinâmica e forma diferente, mas todos são abomináveis, todos fazem a sua vítima. (MUNANGA, 2018, s/p)

Empenho-me a não somente investigar o que é retirado do homem negro enquanto identidade, o que propicia o anulamento da sua cultura, decepa suas seus sonhos e perspectiva de futuridade. Estou dedicada a mostrar que o país da diversidade, em contexto exacerbado de nacionalismo, patriotismo, defesa da ordem, moral e bons costumes, reitera todos os dias que os corpos negros são destituídos de sua essência humana. Portanto, a manutenção diária, eficaz e tortuosa desenvolvida para uma ideia de superioridade racial da população branca, não promove “apenas” a invisibilidade, mas propicia, implícita ou explicitamente uma condição perversa de sub-humanidade.

O Estado busca garantir os direitos sociais, civis e políticos, mas ao mesmo tempo em que assegura esses direitos, contem às lutas sociais. Controle, ideologia, poder econômico e político. Retornamos então a um impasse, o poder judiciário, legislativo, executivo e a gestão nas mãos de pessoas que pressuponho, tenham consciência de classe, mas preferem ignorá-la como se nada fosse, ou melhor, como se tudo fosse. Seja sensação de ameaça, medo da força de doutrinas e concepções distintas, egoísmo, antipatia ou crueldade, essa elite que não se posiciona ou nada faz para a alteração da realidade, não somente se beneficia, mas contribui com o enriquecimento sobre os corpos negros, e se condena também responsável pelo assassinato da população negra brasileira. (Paulo Guedes, Ex-ministro da Economia. 2020) Não tem negócio de câmbio a R\$1,80. Todo mundo

indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para a Disneylândia, uma festa danada. Segundo Florestan Fernandes, os brasileiros não têm vergonha de ser racistas, mas eles têm vergonha de dizer que são racistas.

*Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, han
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Mas eu só quero é ser feliz, feliz, feliz, feliz, feliz
Onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar
Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade
Vai pra zona sul pra conhecer água de coco
E o pobre na favela vive passando sufoco
Trocaram a presidência, uma nova esperança
Sofri na tempestade, agora eu quero a bonança
O povo tem a força, precisa descobrir
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui.*

No momento em que escrevo me deparo com a semelhança do momento presente, com a perspectiva de mudança e esperança com a nova presidencia do Brasil, melhor explicitada no verso “*trocaram a presidência, uma nova esperança; sofri na tempestade, agora eu quero a bonança*”. Um dos motivos pelos quais sou apaixonada pela composição, e por ter escolhido-a como objeto de estudo, é a perpetuação da súplica. No contexto do lançamento da canção em 1995, chegava à presidência Fernando Henrique Cardoso. Hoje, 2023 nos deparamos com um país ainda em período de transição pós pandemia, milhares de mortos que poderiam ter sido salvos se não fosse a má gestão pública e o negacionismo. Como impactos, a crise econômica, o aumento do desemprego e de pessoas em situação de vulnerabilidade, e da fome. Segundo o IBGE, cerca de 33 milhões de brasileiros

passam fome, em consonância ao contexto da pandemia. A vista disso, não esperar é também se entregar à morte.

É bem verdade que os governos liderados por Luiz Inácio Lula da Silva (de 2003 a 2009) para determinados segmentos podem ser considerados um período de bonança com programas sociais destinados às classes subalternas. Os dois governos Lula foram marcados pelo neodesenvolvimentismo; pela criação de novos campi universitários; pelo acesso de estudantes pobres, pretos e periféricos ao ensino superior; pela expansão de programas habitacionais; pelo apoio aos microempreendedores; pelo incentivo à agricultura familiar; pelos programas de combate à fome; de enfrentamento à violência contra as mulheres etc.

Todavia, grandes capitalistas também brasileiros lucraram, sobretudo o setor financeiro: os “bancos lucraram 279,9 bilhões de reais durante todo o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, contra 34,4 bilhões de reais durante mandato de seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso” (VEJA, 2014, s/p.).

Segundo o filósofo, jurista e atual ministro dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil Silvio Almeida, "A negação é essencial para a continuidade do racismo. Ele só consegue funcionar e se reproduzir sem embaraço quando é negado, naturalizado, incorporado ao nosso cotidiano como algo normal. Não sendo o racismo reconhecido, é como se o problema não existisse e nenhuma mudança fosse necessária." A tomada de consciência, portanto, é um ponto de partida fundamental.

Para tirar meu Brasil dessa baderna

Só quando o morcego doar sangue e o saci cruzar as pernas

Só quando o morcego doar sangue e o saci cruzar as pernas

Toda nossa esperança é somente lembrança do passado

A alta cúpula vive contagiada pelo micróbio da corrupção

O povo nunca tem razão, estando bom ou ruim o clima [...]

Quando morcego doar sangue; Bezerra da Silva; 1990

O problema da negação aliado aos territórios do *apartheid* é que produzem uma massa crescente de *homens supérfluos*. Ocorre, portanto, “uma barbárie

interna às sociedades, ditas ‘civilizadas’ que, dentro da dinâmica de acumulação de capital, age sem qualquer interesse ético-político pelo bem comum e, portanto, pode descartar os ‘indesejados’” (GONÇALVES, 2012, p. 138). E não é obra do acaso se são quase todos pretos.

Ao discorrer sobre o tema, passando pela vida e a pela morte, esmiuçando a música e a mensagem transmitida, compreendendo a desvalorização, a inferiorização das compleições físicas e a invisibilização dos indivíduos excluídos, visualizamos a legitimidade da nação e alguns dos aparatos que auxiliam na perpetuação da retirada dessa essência humana, exaurindo a dignidade dessa parcela da sociedade. A se tratar da existência e integridade, desejo fazer uma observação importante, articulando-a para as próximas averiguações. Conforme a PNAD (2019) havia 11 milhões de analfabetos no país, 8,9% pretos ou pardos e 3,6% brancos. Esse dado, diferente aos já apresentados, exhibe quem têm as melhores e maiores oportunidades. No entanto, ser virtuoso na vida, e provido de conhecimento, não depende unicamente da escolaridade. A rede de afetos é vital e potente neste momento.

Escritora, compositora, poetisa brasileira, mulher, mãe solo, negra, moradora da favela do Canindé e com pouca escolaridade: Maria Carolina de Jesus. Cada uma destas palavras, sendo elas características físicas, intelectuais ou de moradia, reforçam o peso de cada uma de suas lutas na vida. Ela, que tornou-se referência na literatura escrevendo de modo simples, descomplicado, não imaginaria que seria reconhecida internacionalmente como um símbolo de resistência. O tema deste trabalho traz a música como importante ferramenta de denúncia social, como um método ‘espiritual’ que fala da carne, da alma, do que dói. A escrita não é diferente. Maria não foi apenas uma sobrevivente da miséria e da fome, mas uma mulher que ousou, a seu modo e condições, manifestar e divulgar o retrato da vida na comunidade e das particularidades de sua existência. Quarto de despejo, seu livro mais conhecido, foi traduzido em 13 idiomas. “Estou escrevendo um livro para vender. Minha intenção é comprar um terreno e sair da favela”. Apesar das publicações e da força que tinha, Maria Carolina morreu em condições de dignidade melhores do que as condições vivenciadas em sua existência, ainda assim, mesmo com seu reconhecimento, não se tornou uma mulher rica, nem proprietária de bens materiais. Seus escritos ainda ecoam e influenciam milhares de mulheres pelo país,

perpetuando a única prova e recurso de Maria Carolina de Jesus, o registro de sua existência e sonhar. Muito obrigada Maria!

Um sorriso negro, um abraço negro
Traz....felicidade
Negro sem emprego, fica sem sossego
Negro é a raiz da liberdade
Negro é uma cor de respeito
Negro é inspiração
Negro é silêncio, é luto
negro é...a solidão
Negro que já foi escravo
Negro é a voz da verdade
Negro é destino é amor
Negro também é saudade

Sorriso Negro; Ivone Lara; 1981

“Após 14 anos, vigilante condenado por crime que não cometeu consegue anular a sentença.” Matéria do site Geledés, publicada em 28/09/2022. Qual é a sua reação, querido(a) leitor(a)? Pode expressar com palavras o que sentiu ao ler esta manchete? Quatorze anos encarcerado injustamente, condenado por uma acusação sem provas, pautada no reconhecimento facial. Trabalhador, negro, pobre e morador da periferia, seu nome: Sidinei de Souza Santos Júnior. Atentemos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), **55% da população brasileira é negra**. Agora, olhares minuciosos para o sistema carcerário brasileiro, com 835.643 presos, sendo o país ocupante da terceira posição em ranking mundial nos números absolutos de detentos, segundo o banco de dados online World Prison Brief. Os condicionados a liberdade, segundo análise do Anuário de Segurança Pública (2021) **67,5% dos encarcerados são negros**, praticamente toda a população carcerária, enquanto 29,0% são brancos. O delito seria ser negro?

O Art. 144. define: A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, sob a égide dos valores da cidadania e dos direitos humanos, através dos órgãos instituídos pela União e pelos Estados.

Estamira, documentário de Marcos Prado e José Padilha, evidencia a realidade da vida no lixão Jardim Gramacho, ambiente insalubre, e com condições de vida extremamente precárias, associando-o a um quadro mental de enlouquecimento iniciado por um abuso. Idosa, negra, pobre e extremamente consciente do lugar em que ocupa, a catadora de lixo representa uma parcela da população, muito adoecida, exposta e ainda assim, irrelevante aos olhos do Estado.

A voz de Estamira é a resposta à negligência social que cometemos no dia-a-dia, ao desinteresse da mídia, a insuficiência e desprezível política que acontece apenas pontualmente, sem a assistência devida. A interação negativa entre o ambiente e a população, os determinantes sociais e as condições de saúde, a gênese dos problemas ambientais e a adaptação biológica, a produção, o consumo exacerbado, e os impactos físicos e psíquicos. Para Zygmunt Bauman, na sociedade contemporânea, a maneira mais sutil e perversa de excluir o outro, é tornando-o invisível.

Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso
A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sará crioulo

-
Sandra de Sá; 1995

Por intermédio da composição artística, temos um retrato redigido, preciso e idêntico a realidade, fato que possibilita a reflexão sobre a contínua violação aos direitos humanos, a extraordinária súplica pela vida, pela justiça e liberdade, e que ilustra a violência e a negligência perpetrada pelo Estado e pela sociedade sobre a existência dos corpos negros periféricos, definindo então, os devidos responsáveis.

A forma como as políticas públicas de segurança, educação e lazer são realizadas nestes espaços, e como elas amparam e circundam, a partir do racismo, o extermínio da humanidade e da vida da população, considerando a favela um

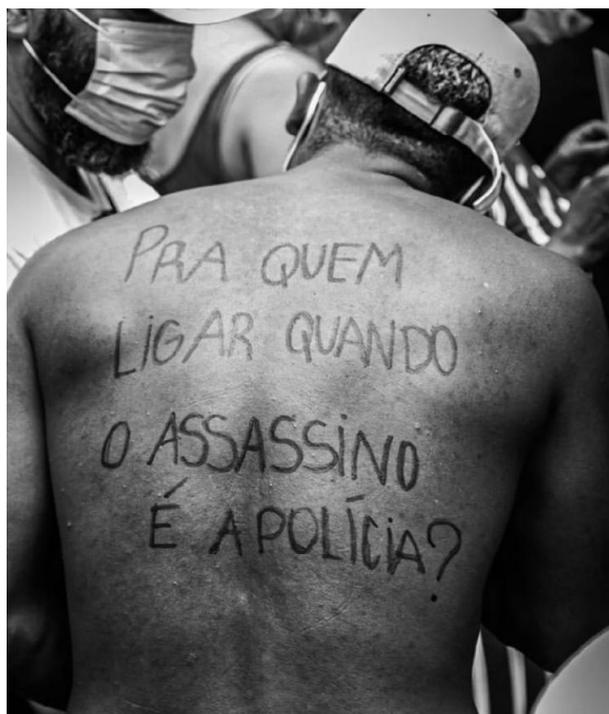
mecanismo de opressão e exclusão social. A cultura brasileira produzida neste espaço, a se tratar de uma manifestação real, política e social, celebra a arte de modo único, enobrecendo e contemplando a resistência da população negra.

“O funk não é motivo, é uma necessidade, é pra calar os gemidos que existem nessa cidade.”

(MARCINHO, Mc. 1996)

Para alcançar a consciência acerca da desumanização do corpo negro por meio da destituição dos direitos humanos, civis e sociais construídos vagarosamente na formação sócio histórica brasileira, constitutivos da constituição federal e da dignidade humana, faz-se necessário compreender e explicitar o racismo como elemento fundante da sociedade capitalista, às violências físicas e psíquicas a que são acometidos no Brasil, o planejamento urbano e a periferia como peças essenciais para a manutenção das opressões e da destruição da vida do negro.

Deste modo, o estudo da realidade e a reflexão crítica caminham rente aos princípios fundamentais do código de ética do assistente social. Portanto, o estímulo, o compromisso e a atenção na garantia dos direitos sociais, civis, a desigualdade social e a defesa dos direitos humanos pressupõe a compreensão acerca do assassinato da dignidade da população negra periférica, dos componentes constitutivos do Estado que facilitam a crueldade a que a população é acometida, a percepção da omissão e compactuação com a reprodução da lógica colonial que determina a submissão, inferiorização do outro e que determina quem vive e quem morre.



Como pessoas que se beneficiam desta estrutura, farão justiça?

Em 2008, ainda no governo Lula, foram criadas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A ideia era que as polícias pacificariam as comunidades que estavam sob o controle de facções criminosas. Na prática, as comunidades foram consideradas territórios onde viviam criminosos, ou seja, o de sempre, o suspeito em potencial. As UPPs materializaram “uma militarização explícita da questão urbana. Se antes esta era reduzida a um ‘caso de polícia’, agora avança-se para torná-la de maneira plenamente institucionalizada, uma questão militar” (SOUZA, 2012, p. 117). O autor enfatiza que as UPPs representam uma espécie de eficaz asfixia do que denomina “tráfico de varejo”, isto é de pequenos traficantes, sem que se mexa na estrutura que financia o tráfico de grande porte.

No centro do debate também reside o temor de que a violência possa atingir as regiões habitadas pela classe média e, logo, o objetivo consiste em conter os “indesejáveis” distantes dos bairros mais aprazíveis do Rio de Janeiro.

Se os traficantes, fisicamente, migrarem para favelas mais distantes e lá se reinstalarem, desalojando outros traficantes ou territorializando novos

² Fotografia tirada no Ato Justiça por Moise em fevereiro de 2022 por @cidade cinza23. Moise Mugenyi Kabagambe foi um imigrante congolês assassinado no quiosque Tropicália, localizado no Rio de Janeiro.)

espaços segregados, isso não contrariará frontalmente o atingimento do objetivo prioritário que é, afinal de contas, garantir maior tranquilidade para a classe média e os turistas (SOUZA, 2012, p. 117).

E foi de uma Unidade de Polícia Pacificadora que, Amarildo Dias de Souza, ajudante de pedreiro, desapareceu em 14 de julho de 2013, após ter sido detido por policiais militares e conduzido da porta de sua casa, na Favela da Rocinha, em direção à sede da UPP do bairro. O desaparecimento do trabalhador se tornou símbolo de casos de abuso de autoridade e violência policial, demonstrando o que, de fato, significa “pacificar” a favela: sequestro, tortura e assassinato. E, de novo, o fato de Amarildo ser um homem negro não é mera coincidência... Um defeito de cor?

Desde a escravidão foi gestado e aperfeiçoado um tratamento desumanizador dispensado aos negros. A tortura atual é uma continuidade daquela violência inescrupulosa, cujo objetivo sempre foi degradar com vistas a uma melhor exploração de quem estava no cativeiro. Os castigos e maus-tratos eram parte sistemática e contínua da escravidão para que houvesse a sujeição do(a) escravizado(a). A este respeito, as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloísa Starling observam que um sistema como o escravismo moderno só se enraíza com o exercício da violência. Da parte dos proprietários, a sanha contínua que visava à sujeição e obediência cegas para o trabalho” (2016, p. 85).

A tortura era parte da perversidade e crueldade dos senhores de escravos, que transformavam o sofrimento imposto ao corpo escravizado em espetáculo. Frederick Douglass (2021), um ex-escravizado estadunidense, descreve a violência como um capricho ou um ato de pura destruição visando incutir o terror não apenas em quem está sob a tortura, mas a toda a escravaria. Dar chicotadas, violentar ou tirar a vida de um(a) escravizado(a) é um comportamento da mais dura crueldade.

Faz-se urgente o rompimento da violência que dilacera nossas almas, e que impedem a efetiva dignidade do corpo negro não apenas nas favelas do estado do Rio de Janeiro, mas em todo o Estado brasileiro. Do macro ao micro, a cegueira de que não somos todos iguais (nem estamos no mesmo barco, como muito se ouviu falar durante o período da Pandemia COVID-19) e precisamos respeitar às diferenças e sobretudo, estudar para entender o aparelhamento que objetiva exatamente a alienação e naturalização das atrocidades que contribuem com o

extermínio dos corpos precisa vir à consciência geral. É necessário averiguar a escassez e o aniquilamento das condições básicas de vida, estas, garantidas juridicamente pela União Federal, e propagar o conhecimento favorecendo a consciência de classe em si e não para si. Como futura assistente social, preocupo-me em não somente assimilar e compartilhar o conhecimento, mas em atuar conforme a ética profissional, visando à emancipação e construção de uma nova sociabilidade.

Por fim, finalizo este processo honrando a minha narrativa, observação atenta, escuta cuidadosa e afetuosa dos meus, a minha (nossa) história e cor. Sinto imensa felicidade por ver a arte como instrumental para a prática profissional para a decodificação do mundo. Vibro por poder compilar junto a análise crítica e reflexiva, transcrições de versos de canções, poemas, poesias, documentários, filmes e livros que fundamentam o tema discutido, e que sobretudo, tem grande significado na minha vida, personalidade e essência. Ressalto que cada uma das artes encontradas aqui, escolhidas cautelosamente, validam e ressaltam o problema investigado.

Em nota e com grande alegria, expresso que na última quinta feira, 12 de Janeiro de 2023, o presidente Luís Inácio Lula da Silva, sancionou a lei que tipifica como Crime de Racismo a ofensa em razão da raça, cor, etnia ou origem, antes considerado injúria racial. A medida mais que necessária, urgente para a penalização e combate à impunidade, impedindo a banalização da violação que agora, será inafiançável e imprescritível. Agora, é preciso intencionar a eficácia da lei, examinando os obstáculos, aqui descritos, que podem vir a implicar na eficiência da justiça. Todavia, uma conquista, de muitas que estão por vir.

Tudo o que tentamos construir todos os dias, também é assassinado todos os dias.

CAPÍTULO 5

NEUSA, MARIA, MARIELLE

Garota negra, sonhe todos os sonhos!

Upile Chisala



“Eu nutri o ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas vivem juntas em harmonia e com oportunidades iguais. É um ideal que espero viver para alcançar.

Mas, se for preciso, é um ideal pelo qual estou preparado para morrer.”

Nelson Mandela; 1964

Escrevo a conclusão deste trabalho, denominando-o resistência com os nomes de três mulheres negras, nascidas em berços pobres do interior, filhas de famílias simples. Meninas que se tornaram mulheres adultas de modo precoce, que precisaram enfrentar as batalhas da vida sozinhas e com bravura. Ainda que existissem aflições, era necessário ter fé e esperança por uma vida melhor, pela família, pelos filhos, por um futuro digno, por comida, teto, calçado, remédio. Trabalhar com fome para levar o próprio alimento aos filhos, trabalhar com dores para construir um lar, trabalhar para pagar os estudos. Estas mulheres resistentes são minhas avós, paterna e materna, e Marielle Franco.

Às histórias individuais, carregam vivências sempre muito similares. Narrativas que se tornam coletivas, pois compartilham de dores idênticas, como exemplo, a quantidade de mães solo pobres e pretas, o número estrondoso de crianças registradas sem paternidade, às estatísticas que demonstram a evasão escolar porque mulheres têm jornada dupla de trabalho e pouco amparo, porque vivenciamos em uma sociedade patriarcal, machista, preconceituosa, racista.

“Nossas costas contam histórias que a lombada de nenhum livro pode carregar”.

Mulheres de cor; Rupi Kaur (Outros jeitos de usar a boca, 2017)

Apesar das mulheres serem maioria na academia, o controle e as regras ainda são construídos pelos homens brancos, favorecendo e privilegiando-os intensamente. No entanto, o que se deve destacar não é a conservação da estrutura de dominação, mas sim, o fato de que a academia não pode ser vista como a morada do homem branco. Jurema ressalta que às mulheres, especificamente essa parcela que se encontra no fim da fileira, não pode e não deve aceitar a regra deste jogo. Longe disso, se faz urgente aprender para romper, insurgir, para derrubar este arcabouço. (SOUZA; GUARNIERI; RIBEIRO, 2023, p. 67).

A casa grande pára quando a senzala entra na universidade. No íntimo de quem fala e vive a oportunidade de estudar aos vinte e quatro anos (e pretendo continuar), podendo ver meu irmão e entes queridos tendo as mesmas oportunidades e acessos a condições de vida que propiciam a cultura, o estudo, lazer, viagens e ampla rede socioafetiva, é libertador. Fogo que mantém as chamas da esperança acesas. Carrego comigo as histórias de meus pais, tios, avós, bisavós, amigos, e de outras tantas pessoas que conheci ao longo da vida e que não tiveram as mesmas chances e suportes que eu.

Rogo pela liberdade do meu povo que permanece em posição de subserviência, pelo reconhecimento do quanto o racismo fere às nossas vidas e proposição de mudança, de leis que garantam a justiça e condenem a permanente violação aos direitos. Para que possamos olhar para os nossos, e não apenas chorar pelas perdas, mas celebrar as vitórias e unificar as batalhas. Que os gritos ecoados na canção Rap da Felicidade que nada mais é do que a súplica por respeito, liberdade e segurança continuam ecoando. É necessário recuperar o tempo perdido, o tempo roubado de nossos ancestrais. Portanto, é preciso continuar lutando para ocupar os espaços e possibilitar que mais e mais pessoas pobres, periféricas e negras estejam também nestes locais, estudando, gozando da vitalidade, liderando, representando, viajando nacional e internacionalmente, fazendo jus à existência.

Após análise dos dados, conhecemos o íntimo da população negra brasileira, maior parte do público alvo da política de assistência, e podemos verificar que não existe caridade capaz de reaver tantos anos de crueldade. As políticas sociais de caráter reparatório são cruciais. Destarte, pensar e viabilizar políticas de educação libertadoras na alfabetização, iniciação à cultura, conscientização política, social e racial é proporcionar a tomada de consciência, organização e transformação societária. Precisamos gerar o futuro e construir perspectiva de ascensão social, continuar o legado e ampliar a representatividade. A assistência social assegurada enquanto política pública, pertencente ao tripé da seguridade social é destinada a quem dela necessitar, ainda assim, o compromisso ético político determina que sejamos comprometidos com a emancipação humana, e tratar de todos estes aspectos, é repensar e também reutilizar a autonomia dos indivíduos de cor.

A dimensão política do projeto é claramente enunciada: ela se posiciona em favor da equidade e da justiça social, na perspectiva da universalização do acesso aos bens e serviços relativos aos programas e políticas sociais; a ampliação e a consolidação da cidadania são postas explicitamente como condições para a garantia dos direitos civis, políticos e sociais das classes trabalhadoras. Em decorrência, o projeto se reclama radicalmente democrático – vista a

democratização enquanto a socialização da participação política e socialização da riqueza socialmente produzida (NETTO, 1999, p. 105).

Os métodos utilizados para a pronúncia, para a exposição da discriminação, da desigualdade, da violência, da punição sobre os corpos, da segregação e de todas as marcas engendradas na realidade social brasileira na musica tema, demonstram a riqueza da cultura, da criatividade, representatividade e coragem dos sujeitos. Logo, ressaltam a infundável resistência à ideologia de um sistema dominante, de um modelo de exploração que objetiva a reprodução permanente das desigualdades visando a manutenção dos privilégios seculares. É imprescindível pensar que o alcance desta e tantas outras canções objetivam não apenas o lazer, mas a construção da consciência de quem realmente somos, da nossa identidade, potência, formulação e transformação social para o agora e para o que está por vir.

“A polícia ainda não tem pista dos bandidos que mataram um líder comunitário conhecido pela luta em favor de comunidades carentes na região. As entidades sociais classificam o assassinato como um crime de encomenda feito para calar a voz de quem denuncia injustiças e arbitrariedades:

Pelo chão, pelo amor, pelo sangue, pela cor
Fidelidade, lealdade, em nome do senhor
A minha amada, à minha família e ao nove de julho
Que me mostrou a importância de eu tá no bagulho
A gente atira no escuro, não escuta ninguém
Não adianta o sermão e a tempestade que vem
Não sei se tem, alguma coisa a ver com o destino
Mas os problemas são B.O, desde de pequenino
O rap é hino pra mim, já estava escrito neguin
O baianinho assim, que anda perto do fim
Sim! A nossa escola sempre é cara
O tempo é rei, isso eu sei, o relógio não para
Cara, a ferida sara mas na alma não tem cura
Na sua arrogância ou na sua humildade pura
Se segura, o que eu te ofereço é muito bom
É força e poder, dom através do som

Eu digo, cada degrau a gente aprende a sofrer
Viver, morrer, sorrir e a chorar
Chorar pelo passado, pagar pelos pecados
Contando cada sombra no seu sonho atormentado
Acorrentado sei lá, drogado se pá
Enfraquecido, injustiçado, se afogando no mar
Eu to lá, lado a lado com a fé no coração
Nem que pra isso eu amanheça dormindo no chão, meu irmão!

[...] A revolução se aproxima, se prepare!

Pegue suas armas, marche, apache e nunca pare
Encare a guerra de frente, mesmo sendo ruim
Somos soldados e sobreviventes, sempre, até o fim!

Olhe pra mim e veja o quanto eu andei
Envelheci, eis-me aqui, nunca abandonei
Não quero ser um rei, não quero ser um Zé
Só quero minha moeda, e a minha de fé
Axé, comigo na fé, bandido

O gueto sempre tem na frente o inimigo
A polícia é racista, mais do que ninguém
A favela entre o céu, e o inferno, Jerusalém
Lamenta, aguenta, enfrenta a batalha
Violenta, é a vida, no fio da navalha
A falha mundial, espiritual e um fuzil

É um texto, dantesco, de Shakespeare titio

Você já viu sangue e pobreza demais
Qual o valor verdadeiro pra se encontrar a paz?
Será que é fugir? Será que é se esconder?
Ou será que é lutar, trabalhar, e depois morrer?

Pode crer, veja você, vários limites
Na disposição, situação e no apetite
Acredite que você pode chegar no fim do arco-íris
E um pote de ouro encontrar”

That's My Way - Edy Rock e Seu Jorge (2013)

Segundo Paulo Freire (1998, p. 19), “Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem de estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr riscos de assumi-la. E terem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como aos seus proprietários, mas aos companheiros, que se assustam com maiores repressões” .

Necessitando de ambições além de ter um lugar pra morar, algo para comer ,e necessidade nunca mais passar

Necessito de ambições do tipo

"Ano que vem com fé em Deus as coisas melhores vão estar"

Preciso de sonhos em que realmente eu vá acreditar

Pra que Sei lá, quem sabe assim fique mais fácil de poder realizar

A ironia é a nossa convivência desde cedo

Por aqui somos morfeus incapazes de sonhar

Nossas desavenças com cronos nunca é resolvida

Por isso a falta de tempo

A correria dia dia mais do que maratonista

Mas mesmo assim não optamos por queimar largada

Alma marcada pique as costas dos ancestrais

O homem na estrada, árdua

Tipo Mad Max

Cheio de fúria

O meu norte é o que eu almejo

Essa é minha bússola

Deixar de ser ateu

Achar o deus que existe em mim

Essa é minha busca

Superstição? Sou mais superação

Algo que vem com determinação

Muito além de receita de bula

Sem pais ou paz

Ser o que fui ontem nunca mais

Amanhã, Ser melhor que hoje aqui jaz

A calma do jazz com a melancolia do Blues

Baixar a cabeça

Esse é o homem que já fui

Ou melhor, menino

Os tempos mudaram

E finalmente conseguir entender o que separa os homens dos ...

Nunca fui de acreditar em destino

Pelo que esperavam de mim

Meu destino ia ser miro e atiro

Cela que ia ser "abrigo"

Revoltado com sangue nos olhos

Vingança e castigo

Um Bang Bang moderno e...

Mais um preto que passou a vida em branco

Mais uma estatística

Mais um pirão perdido
Coração partido
Traumas, receios, desilusão, decepção
Esse é o motivo de ser tão ressentido
Evitando fazer sentido
Para que só eu possa entender minhas dores
Por que nunca se sabe quem está realmente do seu lado
Quem é de verdade, e quem é apenas atores
Porém eu sinto o que é de verdade
Talvez seja o motivo de eu ser tão verdadeiro
Deve ser consequência de todos os dias lidar com anjos e demônios quando me vejo no espelho
Inquilino de um poço bem fundo
Sempre sorrindo
Mas no fundo no fundo
É onde estar o que realmente somos
Porém as lágrimas já foram gastas reduzidas a cromossomos

Nossas vivências e escolhas definem como somos
Mas apesar de todos perrengues e dificuldades
Nunca desiste dos seus sonhos
Falar é mais fácil que fazer
Eu sei
Descendentes da realeza
Todos nós temos capacidade de ser rainhas e reis
E não valetes
E sim valentes
Mesmo que pareça impossível
Foda-se vai lá e tente
E apesar de todo mal, cante
Nossos sonhos e objetivos não tem preço
Tenha fé mais em si mesmo e não nos terço
Você vai vencer
Eu torço!!
O mundo sempre vai te pisar, te calar
Mas fique próximo do que você ama e faça seu mundo
E pra si mesmo
E para as pessoas que são o seu mundo
Você será vitorioso

Ademilson Júnior; Poeta Blues
23/10/2022

É preciso reconhecer que importantes passos estão sendo dados. Desde o início dos anos 2000, quando sob a pressão dos movimentos sociais, em especial o movimento negro e o movimento de mulheres negras, o estado brasileiro reconheceu que existe racismo no Brasil, houve uma série de políticas públicas importantes como as das ações afirmativas para ingresso nas universidades e, posteriormente, para a contratação nos postos de trabalho. E, no momento em que

finalizo este Trabalho de Conclusão de Curso, tomaram posse no novo governo federal, Sílvia Almeida, importante intelectual negro na luta antirracista, à frente do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania do Brasil; Anniely Franco, jornalista e estudiosa das relações étnico-raciais, ativista e fundadora e diretora-executiva do Instituto Marielle Franco[1], assumiu o Ministério das Relações Étnico-Raciais; e Sônia Guajajara, líder indígena, formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação, chefiou o Ministério dos Povos Indígenas. Motivos não faltam para E.S.P.E.R.A.N.Ç.A.R

*Trocada a presidência, uma nova esperança
Sofri na tempestade, agora eu quero abonação
O povo tem a força, só precisa descobrir
Se eles lá não fazem nada, faremos tudo daqui
Eu só quero é ser feliz.*

[1] Criado após o assassinato de sua irmã, a vereadora Marielle Franco, e do motorista Anderson Gomes.

Muito obrigada!

Enquanto ressoarem às vozes, às lutas, às dores, os rostos, os sorrisos, os sonhos, a
esperança, estaremos resistindo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Luís. Abordagem nos Jardins tem de ser diferente da periferia, diz novo comandante da Rota. *Uol – Cotidiano*. 24 ago. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/08/24/abordagem-no-jardins-e-na-periferia-tem-de-ser-diferente-diz-novo-comandante-da-rota.htm>>. Acesso em 12 dez. 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP, 2021.

DAVIS, Angela. A potência de Sojourner Truth. *Blog da Boitempo*. 26 nov. 2018. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/26/angela-davis-a-potencia-de-sojourner-truth/>>. Acesso em 22 dez. 2022.

DOUGLASS, Frederick. *Autobiografia de um escravo*. São Paulo: Vestígio, 2021.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância; NUNES, Isabela (orgs.). *Escrivência – a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-46.

_____. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marco. *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Ana Lucia Souza de. Pedagogia do inédito-Viável: Contribuições de Paulo Freire para fortalecer o potencial emancipatório das relações Ensinar-Aprender-Pesquisar. *Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire*. Recife, 19-22 set. 2005.

GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra. *Sojourner Truth*. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>>. Acesso em 02 dez. 2022.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONÇALVES, Renata. Quando a “questão racial” é o nó da “questão social”. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 514-522, 2018.

_____. De antigas e novas loucas: Madres e Mães de Maio contra a violência de Estado. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 29, p.130-143, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: Diáspora Africana, 2018, p. 190-214.

_____. O movimento negro na última década. In: GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Pallas Athena, 2003.

IAMAMOTO, Marilda. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2006.

LIRA, Nice. O baile funk é um dos símbolos da favela. *Agência de Notícias das Favelas*, 05 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/o-baile-funk-e-um-dos-simbolos-da-favela/>> Acesso em: 12 dez. 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MC CIDINHO; MC DOCA. *Rap da felicidade*. Rio de Janeiro: SCORPIO MUSIC, Central Station, Spotlight Records, D.D.S. RECORDS, 1994.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. Cem Anos de Abolição do Escravismo no Brasil. *Revista Princípios*, n.15, p. 5-10, 1988a.

MUNANGA, KABENGELE. A transformação do negro em ser errante. Entrevista especial com Kabengele Munanga. *Instituto Humanitas Unisinos. Adital*. 05 Jan. 2018. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/574669-a-transformacao-do-negro-em-ser-errante-entrevista-especial-com-kabengele-munanga>>. Acesso em: 13 jan. 2023.

PAULUZE, Thaiza; NOGUEIRA, Ítalo. Exército dispara 80 tiros em carro de família no Rio e mata músico. *Folha de S. Paulo*. 08 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>> Acesso em: 12 dez. 2022.

PINHEIRO, Marcelo. Negro é lindo: história dos bailes black de SP. *CULTURAIBrasileiros*, 19 nov. 2017. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/nao-categorizado/negro-e-lindo-historia-dos-bailes-black/>>. Acesso em 12 dez. 2022.

PINTO, Makota Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. Salvador: Sepromi, 2013.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 29-41, 1989.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Org.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997, p. 133-144.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa. *Brasil, uma biografia*. São Paulo; Companhia das Letras, 2016.

SOUZA, Ana Paula Batista; GUARNIERI, Beatriz Munhoz; RIBEIRO, Brenda Isabelly Lúcio. Jurema Werneck: a luta negra para estudar e o estudo para lutar. In: GONÇALVES, Renata (org.). *Intelectuais negras brasileiras*. São Paulo: Tikinet, 2023 (no prelo).

SOUZA, Marcelo Lopes de. Militarização da questão urbana. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 29, p.117-129, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Graal, 1983.

TEIXEIRA, Diana do Carmo; NASCIMENTO, Tamires Guimarães do; MARTINS, Thaisa Silva. Mulheres negras e *escrevivência* em Conceição Evaristo. In: GONÇALVES, Renata (org.). *Intelectuais negras brasileiras*. São Paulo: Tikinet, 2023, p. 63-75 (no prelo).

VEJA. Bancos lucraram 8 vezes mais no governo de Lula do que no de FHC. *Economia*. 12 set. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/bancos-lucraram-8-vezes-mais-no-governo-de-lula-do-que-no-de-fhc/>> Acesso em: 12 dez. 2022.

VELOSO, Caetano; GIL, Gilberto. Haiti. In: *Tropicália 2*. (Álbum) Rio de Janeiro: PolyGram; Salvador: WR, 1993.

XAVIER, Giovana. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019. 2002.